

Moeda Social e Trocas Solidárias: experiências e desafios para ações transformadoras



Moeda Social e Trocas Solidárias: experiências e desafios para ações transformadoras

Ficha Técnica:

PACS - Instituto Políticas Alternativas
para o Cone Sul
CNPJ.: 31.888.076/0001-29
Av. Rio Branco, 277 / 1609 Centro
CEP 20.040-009 Rio de Janeiro/ RJ
Telefax: (0xx21) 2210-2124
Correio Eletrônico: pacs@pacs.org.br
Sítio do PACS: www.pacs.org.br

Série: Semeando Socioeconomia
Nº 8 - Moeda Social e Trocas Solidárias:
Desafios e experiências para ações transformadoras

Equipe Técnica:

Alain Simon, Katia Aguiar, Márcia Buss, Marcos Arruda, Renata Lins, Robson Patrocínio, Ruth Espínola Soriano, Sandra Quintela, Terezinha Pimenta

Coordenação de comunicação: Lycia Ribeiro

Projeto gráfico, capa e ilustrações:

Gabriela Caspary Corrêa

Ilustração: (pág 4) André Brito

Fotos: arquivo PACS

Apoio:

Ação Quaresmal
Christian Aid
DKA
E-Changer
Fundação Ford
Instituto Marista
SCIAF
Trócaire

PACS - Instituto Políticas Alternativa para o Cone Sul.

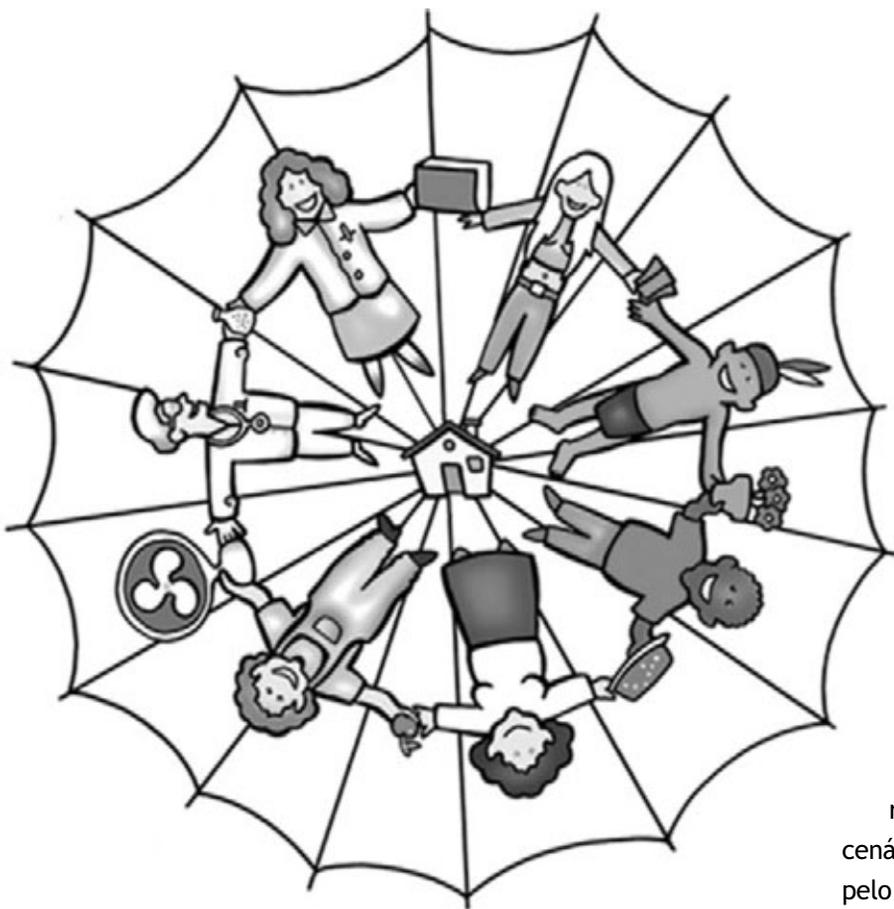
Moeda Social e Trocas Solidárias:
experiências e desafios para ações transformadoras. Rio de Janeiro, PACS, 2005.
p.92 (Semeando Socioeconomia, 8).

ISBN: 85-89366-16-2

1. Trocas solidárias. 2. Economia solidária. 3. Cooperativismo.I. PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul. II. Título. III. Série.

Sumário

Apresentação	4
Redescobrimo as trocas	7
As trocas solidárias e as práticas de criação da moeda local	11
Tecendo grupos de trocas	24
Rede de Trocas Solidárias - avanços e desafios	35
Rede de Trocas Solidárias do RJ - Depoimentos	47
As trocas na construção de novos sentidos	52
Grupos de Trocas - Experiências do campo e da cidade, de norte a sul do Brasil	57



Esta publicação é uma obra aberta e coletiva e pode ser lida de forma modular, não consecutiva. É direcionada para diferentes leitoras e leitores que se interessem de algum modo por informações sobre socioeconomia solidária, trocas solidárias e moedas sociais.

Não há receitas para a formação de grupos de trocas solidárias e de moedas sociais locais. Por isto mesmo estas práticas são tão diversas entre si, ainda que possamos afirmar que sua grande similitude está na realidade com a qual os grupos convivem: cenário de exclusão social e econômico criado pelo capitalismo global vigente.

Apresentação

Este Semeando é especial porque nasce no ano em que os grupos de trocas do Brasil que têm ligação com a Socioeconomia Solidária foram reconhecidos enquanto objeto de políticas públicas ao receberem apoio financeiro da Senaes - Secretaria Nacional de Economia Solidária para a realização do I Encontro Nacional dos Grupos de Trocas do Brasil. O evento é tema do artigo assinado por Kátia Aguiar.

Antes, Márcia Buss contextualiza e redescobre as trocas a partir da centralidade do trabalho humano e da reciprocidade que emerge das formas alternativas de produção e comercialização de grupos excluídos do sistema capitalista em que vivemos.

A partir da oportunidade que o PACS me ofereceu de viajar nacional e internacio-

nalmente, conhecendo grupos e pessoas, integrar e ter acesso a textos, eu mesma me atrevo a versar sobre a história e a prática das trocas solidárias. Falo também sobre a criação de moedas sociais num contexto internacional, trazendo questões econômicas que julgo serem relevantes para continuarmos navegando nesta inusitada e intensa vivência das trocas e do escambo, sejam estas complexas ou simples formas de intermediação e de relações sociais.

Longe de ser um receituário de criação de grupos de trocas e de moedas sociais, apresentamos um passo a passo para ajudar a entender a forma com as quais os grupos que o PACS conhece e acompanha têm se organizado.

Em entrevista, Robson Patrocínio, apresenta como o PACS tem trazido, junto com outras

entidades, o potencial pedagógico e revolucionário das trocas e das moedas sociais para o desenvolvimento integral local.

Confira também depoimentos de alguns dos representantes de mutirões de trocas (como alguns apresentam seus grupos) do Estado do Rio de Janeiro, colhidos durante uma das reuniões da Rede Estadual de Trocas Solidárias local. A partir de cada fala é possível entender como os grupos do Rio encaram suas dificuldades, como vêem a socioeconomia solidária e o que pensam do futuro.

Durante nossa participação no Encontro Nacional dos Grupos de Trocas entrevistamos alguns representantes dos cerca de 80 grupos ali presentes. Gente do Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará, Goiás e Bahia que apresentam as fragilidades de seus grupos, as formas legais de estabelecimento das trocas, o fortalecimento das comunidades a partir das trocas, evidenciando mais uma vez a riqueza da diversidade das trocas no Brasil.

Esperamos que estas páginas possam semear outras práticas criativas de emancipação e desenvolvimento local. Possam ajudar os grupos existentes e as redes solidárias no sentido de formarem alianças estratégicas para além das articulações de socioeconomia solidária locais. Possam ainda problematizar nossas ações visando a uma outra forma de relação interpessoal e societária, rumo a uma economia mais humana, economia da vida!

Boa leitura!

*Ruth Espínola Soriano de Souza Nunes,
dezembro de 2004.*

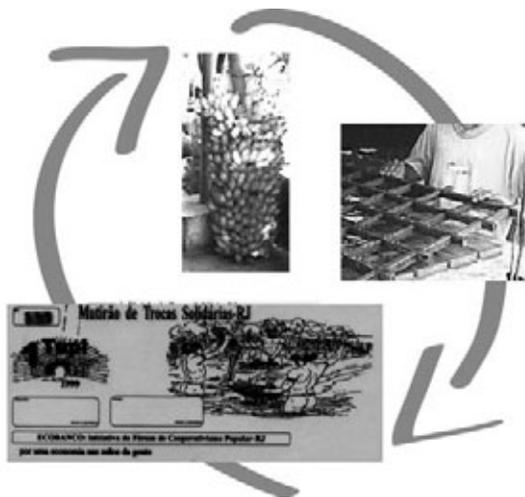
Redescobrimo as Trocas

Maria Marcia Buss de Sousa
Doutoranda em Sociologia IFCS (UFRJ)

O resultado do trabalho humano precisa ser partilhado em sociedade para garantir o consumo necessário para a vida de cada um/a e de todos/todas. Infelizmente, essa ainda não é a realidade de muitos e muitas. Mas, ao invés de ficar esperando mudanças governamentais, algumas pessoas experimentam, por iniciativa própria, formas mais justas, tanto de trabalho, quanto de consumo. Nessas práticas, logo fica claro que é necessário mudar a lógica do sistema. É importante entender, por exemplo, que todo produtor é também consumidor e vice-versa. Daí vem a força que pode transformar a economia.



As feiras promovidas pelos grupos de trocas são uma prova de que é possível (re)unir produtores e consumidores com o objetivo de recriar formas de comercialização e também de socialização mais justas. Por isso, atualmente, tantos grupos promovem feiras. Eles já perceberam que a forma como hoje está organizado o sistema econômico não é a única possível.



Então, vários grupos, também chamados de clubes ou mutirões, organizam formas de comercialização mais solidárias. A feira é o grande momento dessa experiência. Lá, pessoas e grupos - que são também produtores e

consumidores - se encontram

para trocar de uma forma mais justa seus produtos, saberes e afetos. Mas não é só de feira que vive o grupo de troca; antes e depois da feira muita coisa acontece.

O trabalho

É o trabalho que produz vida, comida, habitação, saúde, educação. É o trabalho que garante a construção e a consolidação das cidades humanas/sociedades. E estas são resul-

tado de conjuntos de trabalhos que são trocados. É a reciprocidade que gera a vida social.

Todos e todas são donos do seu potencial de trabalho. Essa é a maior riqueza do ser humano. Com o trabalho é possível produzir melhorias nas condições de vida atual e também das gerações futuras.

A tecnologia, por exemplo, é resultado de trabalho humano. Entretanto, ela está na mão de poucas empresas. Apesar de ser resultado do trabalho das gerações passadas, a maior parte da humanidade tem pouco acesso aos avanços da tecnologia.

Por esse e outros motivos, é muito importante entender as vantagens de ter relação de trocas com o vizinho ao invés de comprar de uma grande empresa capitalista. Viver com a produção do vizinho permite sustentar a comunidade e criar laços de proximidade e de cuidados. Nesse sentido, é essencial fortalecer uma cultura de consumo crítico e responsável.

Mulheres e homens precisam trabalhar. No entanto, o direito humano ao trabalho, previsto em lei, não está sendo garantido. Mas os trabalhadores estão se organizando e se mobilizando no sentido de fazer valer o seu direito.

Várias formas estão sendo criadas e experimentadas, entre elas os grupos de trocas. Eles estão espalhados pelo mundo, são muitos e diversos. Cada qual tem sua dinâmica, seu jeito de fazer, de enfrentar desafios.

A troca é uma forma de intercâmbio de produtos e serviços que pode acontecer usando ou não uma moeda. As trocas sem uso de moeda são essenciais e são realizadas principalmente dentro dos grupos familiares e entre a vizinhança.

A moeda é um meio para facilitar as trocas de bens e serviços. Porém, ela parece ganhar vida no mercado capitalista, tanto que é possível trocar moeda por mais moeda, como acontece no caso dos empréstimos a juro. A moeda, ao ganhar vida no mercado, esconde

algo que é o mais importante: ela não deixa ver que é o trabalho que gera a riqueza.

A forma de organizar a produção e a distribuição, sob a lógica do capital, aumenta a concentração de riquezas nas mãos de poucos e não permite que a maioria tenha condições de produzir e consumir o necessário. É um sistema profundamente injusto e desigual. Nesse sistema capitalista, nem mesmo o mercado de trabalho tem lugar para todos e todas. E mesmo trabalhando nem sempre cada um/a tem condições para sobreviver.

Trocas de trabalho

É claro que nem todo trabalho necessário para a vida precisa ser comprado. Por exemplo, o trabalho de educação e alimentação das crianças é fundamental para a humanidade, mas ninguém vê uma mãe cobrar para amamentar o seu filho. Porém, todos e todas sabem da importância da amamentação

para a saúde física e emocional do ser humano. Por que alguns trabalhos têm um preço (salário) e outros não? Uma coisa é certa, nem sempre os trabalhos mais importantes são remunerados.

Um/a toma conta de algum doente, outro/a ensina matemática ao filho do vizinho, um grupo organiza uma festa junina, outro grupo coloca a laje numa casa, um/a cultiva no quintal ervas medicinais que oferece a todos/todas que precisam. Assim, muitos trabalhos ou serviços são realizados sem que necessite receber em troca moeda.

Alguém pode questionar: “Esse tipo de trabalho não tem valor?”. Tem um valor que mobiliza essas atividades: a reciprocidade. A certeza de que se está usando sua potencialidade para fazer algo útil por aqueles que estão próximos e que eles também fazem o mesmo. Usar a capacidade de trabalho para produzir o bem. Mas o sistema econômico atual não retribui esse tipo de trabalho que na

maioria das vezes é realizado pelas mulheres. Esses trabalhos, trocados de diversas formas, possibilitam uma vida melhor para várias pessoas individualmente e para o conjunto da sociedade.

De fato, o sistema econômico atual não favorece a maioria a ter a possibilidade de uma vida digna. Porém, isso não impede que cada vez mais pessoas criem práticas econômicas capazes de gerar recursos para garantir a vida. A necessidade de ampliação dessas práticas gera um movimento da sociedade chamado de economia popular e solidária ou socioeconomia. Os grupos de troca são uma das atividades que ajudam a promover o fortalecimento de uma economia a serviço da sociedade.

As trocas solidárias e as práticas de criação de moeda local

dialogando com o movimento de socioeconomia solidária



Ruth Espínola Soriano de Souza Nunes

*Economista com especialização em Políticas Públicas e Governamental (IUPERJ)
e mestranda em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura (UFRJ)*

Contextualizando as trocas

Na contramão do cenário de exclusão que o capitalismo gerou em todo o mundo, sabemos da existência de comunidades e movimentos populares que têm práticas econômicas associativas com forte viés político e emancipatório. Parte delas é uma “resposta direta” à crise do trabalho assalariado e à crise social vigente produzida pela globalização seletiva e excludente do neoliberalismo.

Práticas econômicas associativas: cooperativas populares, associações, empresas autogestionárias, projetos produtivos associativos, redes de produção, consumo e comercialização, cooperativas da agricultura familiar, cooperativa de prestação de serviços e instituições financeiras voltadas para empreendimentos populares solidários.

Dentre tais práticas, algumas têm anseios semelhantes, embora tenham recebido diferentes nomeações em seus específicos processos históricos, dentre os quais: economia do feminino criador, economia social, economia solidária, economias dos setores populares, economia popular, economia da solidariedade, humano-economia, socioeconomia solidária.

Desde de 1980, a partir da atuação na articulação de redes nacionais e internacionais, como o Pólo de Socioeconomia Solidária (www.socioeco.org.br) e a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária (www.redesolidaria.com.br), o PACS opta por nomear de socioeconomia solidária as propostas que nascem das experiências e vão além da geração de trabalho e renda para comunidades carentes e movimentos sociais.

Uma parcela significativa dos grupos de trocas solidárias no Brasil e no mundo tem suas ações e articulações em torno da socioeconomia solidária. Sendo assim, as trocas

Economia popular: De modo geral compreende-se como economia popular a etapa mais dura e nefasta da provisão econômica, social e cultural; é o termo mais próximo da economia de sobrevivência, advindos da economia de mercado; e é quando há a busca de condições de satisfação das necessidades - sempre novas - dos seres humanos, na perspectiva do bem viver de todos e para todos.

e a criação de moedas sociais locais são experiências interessantes desse campo inovador.

Para entendermos mais o modo pelo qual as práticas das trocas vêm se inserindo no contexto político e emancipatório de que a socioeconomia solidária compartilha, convém apresentar alguns processos históricos de experiências que tivemos a oportunidade de

conhecer de perto, em visitas, eventos e a partir de relatos e entrevistas realizadas com integrantes de grupos de trocas no Brasil e em alguns países do mundo.

As trocas atravessando o mundo

Desde o século XIX existem experiências de sistemas de trocas locais. Nas décadas de 1920 e 1930 há relatos de que na Europa e nos Estados Unidos (TRUEQUE, 1999) teorias monetárias relacionadas à oxidação de moeda e

Emancipar: ato ou efeito de emancipar; alforria; libertação; independência.

Segundo David Cattani, o conceito de emancipação social é determinado pelo processo ideológico e histórico de libertação de comunidades políticas ou grupos sociais, da dependência, da tutela e da dominação das esferas econômicas, sociais e políticas.

à política de juros negativos eram disseminadas e implementadas. Isso está ligado à grande depressão de 1929, quando um milhão de estadunidenses se agrupavam em rede de trocas e repudiavam o dólar super inflacionado, fato que teve repercussão internacional.

No entanto, há registros históricos que garantem que os primeiros grupos de trocas solidárias do século XX ocorreram em Vancouver/Canadá, em 1983, com a criação dos Sistemas Locais de Trocas Comerciais (Local Exchange Trading System - LETS). A comunidade local sofria com a recessão da indústria madeireira, principal atividade econômica local na época. Naquele momento, quando os maiores empregadores desapareceram e o poder aquisitivo da região caiu, houve incentivo para se inventar um sistema de trocas para alimentar os níveis anteriores de qualidade de vida.

Atualmente, temos notícia e acompanhamos experiências de trocas em todos os continentes do mundo, mais especificamente na Argentina,

Brasil, Uruguai, Paraguai, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Venezuela, Honduras, El Salvador, Estados Unidos, México, Canadá, França, Inglaterra, Bélgica, Espanha, Holanda, Tailândia, Japão e Austrália.

Interessante observar que na Argentina, a partir de 1995, várias províncias têm suas redes e moedas locais (bairros) movimentando grandes somas por ano. Impostos e pensões alimentícias são pagas em moeda social. Sendo que, em 20 de dezembro de 2000, os clubes de trocas foram declarados de interesse nacional. Sabe-se também que um grupo que representava uma vertente que nada tinha a ver com economia solidária na Argentina não só passou a emitir moedas de forma descontrolada, como “em 2002, quando o país se debatia na crise mais grave de sua história, este instrumento de autonomia e empoderamento local converteu-se numa fraude a mais: [...] houve falsificações por muitos grupos” (Primavera, 2004). Esse fato fez com que as experiências com moeda social, de forma geral, caíssem em descrédito.

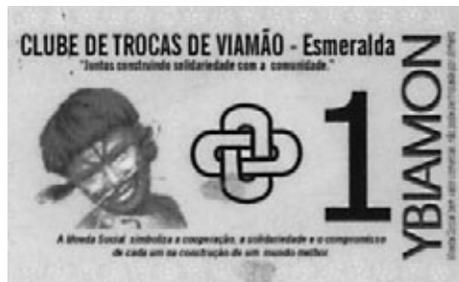
Cabe destacar que a maioria das experiências francesas não têm moeda, apenas um sistema de cálculo individual por grupo. Este tipo de trocas é distinto do LETS, citado anteriormente, sendo conhecido por SEL (Systèmes d'Echange Local) e originado, oficialmente, em 1994. Calcula-se que mais de 60 mil pessoas integram os grupos solidários em questão, tanto no meio campesino quanto no urbano.

Mesmo no distante Japão temos notícias de que, em 2003, existiam 134 comunidades que tinham suas próprias moedas locais e seus

grupos de trocas constituídos; cada qual com sua especificidade, objetivos e características de gestão (HIROTA, 2003).

Independente de onde começou a sistemática das trocas, parece ter sido mesmo a partir da década de 1980 - período também conhecido com a “década perdida para o Terceiro Mundo”, em termos econômicos - que ocorreu a expansão em massa de uma gama significativa de moedas paralelas às nacionais, atuando de forma complementar ao sistema oficial, em especial na Argentina.

Economia solidária: Singer (2004) conceituando a economia popular enquanto composto por produtores, intermediários e consumidores que pertencem a classes populares pobres e a economia solidária enquanto conceito que congrega agrupamentos cooperativos que repartem igualitaria-mente o poder de decisão e os ganhos entre seus membros. Para ele, a diferenciação entre ambas é de grau já que na pequena produção também existem práticas solidárias, como a ajuda mútua entre microempresários. Na economia solidária a cooperação e ajuda mútua são praticadas sistematicamente, sendo a principal razão de ser das sociedades. Por este motivo é possível falar em economia popular e solidária que teria como base comum o pertencimento às bases populares.



O problema do valor

Através destes processos históricos ilustrados com algumas experiências, podemos observar que a maneira pela qual são determinadas as políticas e as relações de trocas nos grupos é demasiadamente distinta entre os diversos países, culturas, grupos e redes em que são praticadas.

O escambo é prática corriqueira nas trocas de produtos, serviços e de conhecimento entre os membros dos grupos de trocas. No entanto, observa-se que em sua maioria utiliza mecanismos de trocas indiretas para intermediar os fluxos locais, seja via inserção

dos saldos dos integrantes num complexo ou num simples sistema, seja via utilização das moedas sociais locais.

Independentes de serem trocas diretas ou indiretas, elas procuram ser executadas comunitariamente de forma participativa, transparente e democrática, resgatando conceitos da moeda, procurando moldá-la com mais afinidade aos anseios da população local que a utiliza, enfatizando seu papel limitador de intermediador e facilitador das trocas locais. Neste contexto, entende-se o porquê de certos autores afirmarem que quanto menores os grupos, mais sólidas e duráveis as experiências de trocas devido ao grau de proximidade e confiança entre as pessoas.

Em alguns casos, é o grupo que decide quanto de moeda deve estar em circulação, fazendo 'política monetária expansionista ou contracionista', mediante a quantidade e velocidade das trocas. Em outros espaços não há um controle tão rígido com relação à quantidade de moeda circulante no grupo, sendo, em alguns casos, sua emissão mediante à entrega igual de uma determinada quantia aos seus integrantes, seja no início do processo, seja durante.

Há grupos que escolhem como a paridade da sua moeda local a relação com a unidade de horas de trabalho social do grupo. Nesse caso, todos os custos incorridos no mercado solidário, ou fora dele, são convertidos em unidades de horas de trabalho. Vemos nessa proposta a semelhança com a Teoria do Valor descrita por Marx, quando afirma que a quantidade de trabalho é que integra o valor de troca de um bem. Isto é, a quantidade de trabalho socialmente necessária para se produzir um bem ou oferecer um serviço no grupo em questão, sendo que tal valor varia de socie-

dade para sociedade. Podemos imaginar a dificuldade que certos grupos apresentam no cálculo das horas de trabalho.

Parece haver tendência em realizar o cálculo, relacionando diretamente seu possível preço de mercado (do livre mercado no sistema capitalista) com o valor determinado para sua moeda local.

Paridade da moeda: deriva da palavra em latim "paritate", significa equivalência; qualidade de par ou igual; parença; semelhança; estado de câmbio ao par. No nosso caso específico das trocas quer dizer qual a relação da moeda local com a moeda nacional, com alguma moeda internacional ou mesmo com algum produto local, por exemplo.

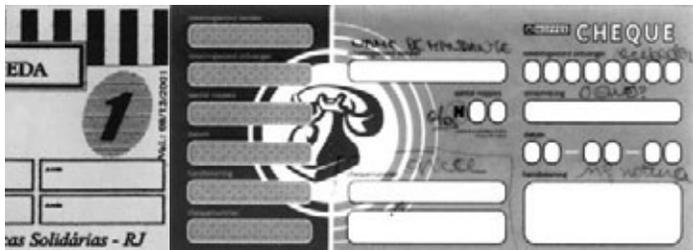
Em alguns lugares, como no Chile, encontramos grupos que têm o quilo de seu alimento típico nacional como referência para os preços e a paridade de sua moeda. No Rio de Janeiro, alguns grupos utilizam a Constituição Federal para determinar a paridade de sua moeda, de acordo com o salário mínimo ali determinado o qual garantiria, a cada cidadão e cidadã, o atendimento às suas necessidades básicas. A família considerada é de dois adultos e duas crianças, sendo que estas consomem o equivalente a um

Salário mínimo constitucional do Brasil: “Salário mínimo fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, reajustado periodicamente, de modo a preservar o poder aquisitivo; vedada sua vinculação para qualquer fim” (Constituição da República Federativa do Brasil, capítulo II, Dos Direitos Sociais, artigo 7º, inciso IV).



adulto. Por outro lado, a Marcha Mundial das Mulheres julga que o chamado cálculo constitucional fortalece a cultura “patriarcal” brasileira, já que nele a mulher e suas atividades domésticas não são consideradas.

Em relação aos preços, percebe-se a busca da negociação num ‘preço justo’, sendo ele definido de acordo com as partes interessadas. Cada um passa a entender melhor o processo da elaboração de cada produto e, com isso, valoriza mais os serviços oferecidos nestes espaços. Smain Laacher também faz a ponderação de que, na hora da formulação do preço, em grupos de Paris, “os preços são determinados de acordo com a qualidade das relações, das afinidades psicológicas e sociais” (LAACHER, 1999)



Consumir: uma ação cidadã

Interessante observar que os grupos de trocas que têm discursos e ações mais engajados politicamente em sua localidade fazem das feiras de trocas um momento de formação e de debates políticos por excelência. A troca termina sendo a prática imediata do que idealizaram momentos antes, ao enfocarem, por exemplo, o sistema financeiro vigente, a globalização financeira, o desemprego estrutural, a falta de oportunidade para os excluídos e historicamente marginalizados etc.

Neste contexto, a própria escolha do nome da moeda social traz consigo um debate político que reforça a identidade do território,

da característica histórico-cultural da comunidade ou nação em questão.

Quando um dos grupos de trocas do Rio de Janeiro elege o “Tupi” para nomear sua moeda social, fica evidente o resgate histórico de luta dos povos indígenas marginalizados e exterminados no Brasil, assim como traz à tona a cultura e língua original de Ibirapitanga (nome dado pelos indígenas à terra onde moravam).

Outro exemplo é o nome da moeda de um dos grupos de trocas da Tailândia, existente desde 1998: Bia Kud Chum. Kud Chum é o nome do município onde a comunidade implementava suas trocas, e “bia” quer dizer semeando na



língua local do nordeste da Tailândia. As bonitas notas da moeda social foram desenhadas pelas crianças da comunidade e todas retratam uma ancestral e dominante atividade econômica local: a plantação de arroz.

De fato, as experiências existentes são bem diferentes entre si, tanto em relação à gestão, homogeneidade dos membros, forma de emissão da moeda e na determinação de seu valor, quanto aos gêneros intercambiados e a importância das trocas na vida das pessoas.

Constata-se que pessoas, antes excluídas do mercado convencional, conseguem se firmar no mercado solidário das trocas, uma vez que neste local seu trabalho, conhecimento e aptidão são valorizados, também em seu sentido literal. Pode-se afirmar que, nas medidas proporções, as trocas são um dos instrumentos a ser considerado quando se quer promover, de modo associativo e auto-gestionário, distribuição equânime e justa de renda e riqueza.

Trocar para transformar a sociedade

Afirmou-se que a imposição de juros no meio circulante é uma posição eminentemente política do capitalismo vigente. No contexto das trocas, ela é descartada. Isto é, nas trocas de nada adianta acumular moeda; a sua função enquanto reserva de valor é de certo modo também descartado. As pessoas são encorajadas a circulá-las para que não 'deflacionem' o grupo, seja via empréstimo (sem juros) para outros membros do grupo, seja consumindo (o dilema

“consumo necessário - consumo desejado” está sempre sendo debatido e criticado nos momentos “formativos” das trocas).

Sobre a questão da legalidade das moedas sociais locais, pode-se afirmar que tais práticas tratam de redes que não realizam transações de compra e venda de caráter formal, apenas intercâmbios solidários de mútua colaboração, logo não recaem serviços economicamente formais reconhecidos pelo Estado, não exigindo, portanto, registros legais para existirem (MANCE, 2003).

No Brasil e Tailândia houve questionamento e intervenção do Banco Central nacional, fato que evidencia o medo da pujança deste movimento, mesmo que os grupos cumprissem com suas obrigações tributárias.

As trocas são um sistema econômico local que completam a economia oficial, gerando um fluxo e intercâmbio de produtos, serviços e saberes que não costumam ser encontrados no mercado formal ou aos quais nem todas as pessoas podem ter

acesso devido às precárias condições sociais e financeiras, dependendo seu sucesso do nível de “capital social e de confiança que a comunidade deposita no sistema” (PARENTE, 2002).

Acreditamos que a troca, aliada a outras práticas de socioeconomia solidária, é uma opção de grande impacto na geração de trabalho e na distribuição de renda e riqueza, promovendo justas relações de produção e consumo.

Socioeconomia Solidária: Segundo Marcos Arruda, o termo é fiel ao sentido etimológico-gestão: cuidado da casa e, por consequência, dos que nela habitam.

Essas práticas, por serem inclusivas e de caráter eminentemente popular, merecem e devem ser reconhecidas pelo Estado, a fim de servirem de base para a elaboração de políticas públicas que respeitem a autonomia e, ao mesmo tempo, apoiem a continuidade e o crescimento da experiência no contexto da Socioeconomia Solidária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARRUDA, Marcos. Socioeconomia Solidária. In: CATTANI, Antônio David. (Org.). A Outra economia. Porto Alegre: Ed. Veraz, 2003.

----. Educação para que trabalho, trabalho para que ser humano: reflexões sobre educação e trabalho, sua significação e seu futuro. 2002. 600p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ.

----, e BOFF, Leonardo. Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000.

BRUNO Pérez, Néstor; Morini Marrero, Sandra: Los sistemas e trueque: Experiências de Economía Solidária Social. Ed Cirie, 1997, Espana.

BÚRIGO, Fábio Luiz. Artigo do Programa de Pós-Graduação Sociologia Política -: Moeda Social e a Circulação das Riquezas a Economia Solidária. Fevereiro/2001, Florianópolis, SC.

CARBONARI, Paulo César. Economia popular solidária: possibilidades e limites. Portal do Instituto de Filosofia da Libertação. www.milenio.com.br/ifil/, acesso em 20 de julho de 2003.

HIROTA, Yasuyuki. Community Currencies in Japan, mainly on cases in Kyushu, Western Japan Disponível em <http://www3.plala.or.jp/mig>. Sep 11, 2003.

LAACHER, Smäin. Critique De L'argent Et Morales Des Echanges - L'exemple des systèmes d'échange local . Revue Les Temps Modernes, Agosto-setembro, n° 605, 1999. Paris, França.

LOPES, João de Carmos; Rossetti, José Paschoal: Moeda e bancos - Uma introdução . 2º edição. Ed. Atlas S. A., São Paulo.

MANCE, Euclides (org.) Como organizar redes solidárias. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 2003.

NUNES, Ruth Espínola Soriano. Socioeconomia solidária enquanto política pública. Monografia para obtenção de grau em especialista em políticas públicas e governo, IUPERJ/UCAM. Rio de Janeiro/RJ. Inverno de 2003

----. Onde está o dinheiro? pistas para a construção do Movimento Mosaico Monetário. ARKEL Henk van; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto; RAMADA Camilo; PRIMAVERA, Heloisa (Orgs.). Dacasa Editora. Porto Alegre/2002.

- Primavera, Heloisa. Clubes de troca, moedas sociais e economia solidária: quem é quem, onde e para quê? Setembro, 2004.

----. Socioeconomia solidária. In: PINTAUDI, Silvana Maria (Org.). Economia Solidária: um setor em desenvolvimento. São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. Rio Claro/SP, 2002.

---. MANCE, Euclides (org.) Como organizar redes solidárias. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 2003.

PARENTE, Silvana. Microfinanças - saiba o que um banco do povo. Agência de Educação para o Desenvolvimento - AED, Brasília/DF, 2002.

POLO de socioeconomia solidária da aliança por um mundo responsável, plural e solidário. Disponível em: <www.socioeco.org>.

PICHPONGSA, Wanlop e SALVERDA, Menno. Bia Kud Chum - A tool for creating strong, self-reliant communities. Tailândia, 2001.

PRIMAVERA, Heloisa: Microcredito y moneda social: nueva posibilidad de generar riqueza, dez/2000, Argentina.

SINGER, Paul: Clubes de trueques y economia Solidária. Publicação do Nó Obelisco "Trueque", dezembro/2000, Buenos Aires/Argentina.

---. Ricardo de Souza, André: A Economia Solidária no Brasil, a autogestão como resposta ao desemprego. 1º edição Editora Contexto. São Paulo/SP.

---. Paul. Revista Teoria e Debate, março/abril/2004, São Paulo/SP.

TRUEQUE, Publicação do 'Nó Obelisco'. Buenos Aires/Argentina, 1999.

Tecendo Grupos de Trocas

Maria Marcia Buss de Sousa
Doutoranda em Sociologia IFCS (UFRJ)

Começando pelo que se tem

Nos grupos que promovem trocas, uma coisa importante é descobrir o que cada um/a tem para trocar. É interessante pensar em quantas habilidades e produtos cada um/a tem a oferecer e em quem pode adquiri-los.

Na própria casa, pode-se descobrir algo guardado que é útil para outra pessoa. E quando se troca esse objeto por outro, todos ganham, até mesmo o meio ambiente e a economia do local.

Ao receber em troca algo útil, o participante poupa o recurso financeiro que deixa de ser desperdiçado numa compra. O meio ambiente também agradece, já que muitas vezes, na troca, algo que estava condenado ao “lixo” é recuperado para o uso.

Ao mesmo tempo, a troca daquilo que em geral fica guardado em casa porque, apesar de estar em bom estado, não está sendo usado, promove uma reflexão sobre o consumo. Muitas vezes o “consumidor” compra produtos que nem chega a consumir e que não necessita de fato.





Porém, alguém pode argumentar: não seria melhor doar logo esse objeto a uma “pessoa carente”, ao invés de trocar? Mas nem sempre o caminho mais fácil é o melhor.

Se a doação, por um lado, alivia quem dá, por outro traz um peso para quem recebe. A doação pressupõe uma hierarquia que qualifica positivamente (envaidece) o doador e desqualifica (humilha), muitas vezes, a pessoa que recebe a doação. Ao passo que na troca a relação entre os participantes tende a ser mais igualitária. A troca traz mais dignidade a todos e todas que participam do processo do que a doação.

Um exemplo que aconteceu num bairro do Rio de Janeiro pode ilustrar como usar a troca, ao invés da doação, pode transformar relações sociais.

Os alunos de uma escola de classe média doavam material escolar para “crianças carentes” de um projeto social mantido por essa escola. A princípio parecia funcionar bem. Mas alguém teve uma idéia para melhorar esse processo. E, assim, decidiram mudar a dinâmica. Ao invés de fazer um simples processo de doação, onde um tem e o outro é o “carente”, promoveram trocas entre esses

dois grupos. Desde então, eles realizam feiras de trocas. Nelas, as crianças chamadas de carentes levam os artesanatos que produzem para trocar pelo material escolar.

Esse caso faz pensar que as crianças nele envolvidas estão aprendendo algo diferente. A promoção de feiras de trocas pode até mesmo alterar antigas práticas assistencialistas. Lendo as entrevistas no final dessa publicação pode-se entender melhor como isso pode acontecer.

Dinâmica do grupo

Todo grupo precisa se organizar, criar regras de funcionamento. Essas regras são decididas em conjunto. A decisão onde todos e todas do grupo participam chama-se autogestão. Um dos pilares de funcionamento dos grupos de trocas é a autogestão.

Tem gente que acha que para resolver, rapidamente, os problemas do grupo é melhor

escolher um/a representante que vai ser o/a líder do grupo. Quando isso acontece, muitas vezes, apenas o/a líder se fortalece, enquanto o grupo vai perdendo a força.

Não adianta também todos e todas participarem apenas no início, decidirem juntos regras de funcionamento e depois a maioria do grupo “lavar as mãos” e simplesmente acreditar que tudo vai dar certo.

Ou seja, o grupo nunca está pronto e acabado. Ele precisa sempre estar sendo recriado, a partir das reflexões sobre suas práticas. É assim que o grupo se desenvolve. Para o grupo se manter, ele precisa se recriar sempre. Isso não significa mudar a cada dia, mas garantir momentos de reflexão sobre as ações.

Conflitos sempre existem nas relações dentro do grupo. E quando eles acontecem, não se pode negar a sua existência. Eles precisam ser trabalhados para produzir resultados positivos. Conflitos solucionados geram inovações.

As práticas, portanto, precisam ser avaliadas e, se necessário, modificadas. Um grupo que faz avaliação constante cria uma dinâmica capaz de corrigir, a tempo, qualquer problema, garantindo, assim, a continuidade do grupo.

Tem gente que acha que autogestão não dá certo. Em geral, não entende como funciona. Autogestão não significa que todo mundo vai fazer tudo. Apenas que todos e todas decidem sobre tudo. O grupo pode escolher uma pessoa para ser tesoureiro/a, por exemplo. O que não deve acontecer é que o/a tesoureiro/a resolva todas as questões da área de finanças sem conhecimento do grupo. O grupo deve ser informado de tudo o que está acontecendo nas diversas áreas. Todos e todas precisam estar atualizados/as para serem capazes de identificar e resolver os problemas que surgem e também de pensar possibilidades de melhorar o trabalho.

Assim, uma pessoa que nunca lidou com um assunto começa a entender dele e daqui a

pouco pode contribuir com uma série de sugestões. Essa troca de saberes é fundamental para o fortalecimento do grupo. O grupo cresce quando todos e todas se envolvem em todos os assuntos.

Cada um/a pensa e age de um jeito diferente do outro, nem sempre é fácil conviver. Mas é a convivência das diferenças que faz o grupo existir. Se cada um/a só faz a sua parte e não sabe da parte do outro, não existe grupo, são apenas pedaços que estão colados, mas que não se misturam. Conviver é viver com, é viver junto, isso também é aprendizado.

Nem todos os grupos se organizam da mesma forma. Não existe uma receita pronta. Cada grupo precisa decidir como vai fazer, levando em conta a sua realidade. Existem muitas formas de dar certo. Cada grupo encontra a sua.

Nota-se, entretanto, algumas práticas comuns em diversas experiências de trocas que vêm acontecendo.

Iniciando um grupo de trocas

Uma ou duas pessoas participaram de uma feira de trocas e resolvem levar a idéia para o seu bairro. Elas começam a pensar como isso pode ser feito. Claro que são inúmeras as possibilidades.

• Organização da primeira feira

É possível organizar a primeira feira local por iniciativa própria. Outra possibilidade é fazer um convite, apresentando a proposta da feira para as diversas organizações locais: grupos de economia solidária, escolas, centros culturais, associações, condomínios, sindicatos, Ong's, comunidades religiosas.

As redes que existem no local podem ser aproveitadas na organização da feira. É importante reconhecer a contribuição do



trabalho que já vem sendo feito por vários grupos. A prática e a reflexão das trocas pode estar se agregando a esses trabalhos.

Uma vantagem de envolver a comunidade local desde o início, na preparação da primeira feira, é que a proposta pode ser discutida por várias pessoas que conhecem a realidade local, dividindo as responsabilidades.

No convite para participar da preparação, em geral, tem o objetivo da feira. Essa definição inicial precisa ser colocada logo em

discussão. O trabalho frutifica na medida em que o objetivo do grupo estiver claro e for assumido por todos e todas. Vídeos e textos que contam experiências de outras feiras e grupos podem ser usados. Essa reflexão sobre as práticas dá sentido ao trabalho.

Ao mesmo tempo, para que as trocas aconteçam, é preciso colocar a mão na massa. Escolher data e local, organizar a divulgação e a dinâmica. No dia do evento, precisa arrumar o local, recepcionar os participantes, preparar uma lista de presença etc. Essas tarefas podem ser distribuídas. Mas, caso tenha só uma ou duas pessoas, fique tranqüilo, dá para fazer.

• Local das feiras de trocas

Os lugares abertos são ideais para que todos possam ver e participar, mas têm alguns problemas, como a chuva, por exemplo. Uma escola, nos fins de semana, pode ser interessante. É importante avaliar, depois da

primeira feira, se deve permanecer no mesmo lugar ou ir para outro.

• Escolha do nome

Cada grupo elege um nome que o represente, no qual ele se reconhece e pelo qual ele quer ser reconhecido pelos outros. Quanto mais pessoas participarem dessa escolha melhor para o grupo.

O importante é que o nome colabore para identificar o grupo.

A palavra usada para dar nome pode recordar e reafirmar uma visão da história local (Sertão, Zumbi) ou ser um elemento da natureza ou dos valores (Lua, Liberdade), pode ser até reinventada (Flor e Ser). Mas o nome do grupo e, se for o caso da moeda, expressa, em geral, numa palavra uma mensagem que é bastante significativa para o grupo.

• Moeda social

Os organizadores de cada grupo precisam decidir se as trocas, na feira, serão feitas com ou sem moeda social.

Alguns grupos têm críticas ao uso da moeda social e optam por não utilizá-la. Também há grupos que preferem começar as feiras apenas usando as trocas diretas e criar a moeda só quando a necessidade aparecer. Outros, desde a primeira feira, já têm uma moeda social. Já aconteceu também de começarem usando moeda e depois decidirem deixar de usar. Muitos grupos, entretanto, sempre usaram a moeda social e avaliam que ela facilita o processo das trocas.

Caso o grupo decida pelo uso da moeda social, a moeda inicial pode ter um prazo de validade determinado. Quando esse prazo acabar, os participantes trocam pela moeda definitiva. Os grupos costumam fazer um controle de quem

recebeu e quanto recebeu de moeda. Esse controle pode ser feito numa tabela com o nome de todos/as participantes ou em fichas individuais.

A moeda precisa ter uma medida de valor. Para definir o valor da moeda é preciso escolher algo para comparar, um valor equivalente. Esse valor de comparação ou equivalência pode ser: hora de trabalho, salário do Dieese, o Real, o preço de uma mercadoria como as garrafas pet, o salário da Marcha Mundial das Mulheres, etc.

Em geral, cada participante do grupo recebe a mesma quantidade de moeda inicial. A quantidade de moeda que circula no grupo aumenta, portanto, na medida em que o número de participantes cresce. O participante que sai do grupo deve devolver as moedas que recebeu no início.

Quando o grupo já está formado há algum tempo, os novos integrantes podem esperar, pelo menos duas ou três feiras, para receber a sua quantidade de moeda inicial ou a pessoa

pode ir adquirindo moeda na medida em que coloca produtos ou serviços na feira.

Para as moedas circularem e ninguém ficar acumulando, alguns grupos colocam um prazo para a moeda ser usada. Caso não seja usada, aos poucos, a moeda vai perdendo valor (oxida). A oxidação da moeda traz alguns problemas porque alguém - um produtor rural, por exemplo, que colheu e vendeu muito numa data - pode ficar prejudicado, vendo a moeda oxidar por não encontrar produtos para trocar na mesma época.

• Ficha de inscrição e lista dos usuários

É bom ter uma ficha para cada participante da feira, informando a data de inscrição e seus dados pessoais - nome, telefones, endereço, correio eletrônico - e também os produtos e serviços que pode oferecer e os produtos e serviços que gostaria de adquirir, além do número de moedas recebidas, se for o caso.

Essas informações podem, depois, ser digitadas numa tabela para facilitar o contato entre as pessoas. Pode-se também fazer relatórios que separem aqueles que deixam de participar, indicando a data de saída ou afastamento, indicando o motivo (viagem, etc.).

Todos/as que participam das feiras podem preencher a ficha de inscrição, mas apenas aqueles que continuam participando formam a lista dos usuários.

• Catálogo

É necessário verificar a necessidade e a possibilidade de produção de um catálogo que informe os produtos e serviços que são comercializados por cada participante naquele grupo.

Para construir esse catálogo, pode-se usar a lista de usuários. Mas esse catálogo precisa ser atualizado. É necessário decidir sobre essa dinâmica de atualização. O grupo pode ter um

caderno para anotar as alterações, ou, então, ter uma caixa onde cada um deposita suas alterações, mas alguém precisa se responsabilizar por recolher todas as alterações e atualizar o catálogo.

Um dos problemas do catálogo é o custo de reprodução. Para fugir desse custo, alguns grupos preferem usar apenas o boletim.

• O Boletim

O boletim reúne as informações dos produtos e serviços oferecidos pelos participantes do grupo e outros avisos.

O boletim, com os anúncios e avisos, permite que as trocas aconteçam também fora das feiras. O boletim pode ser fixado em murais nos locais definidos pelo grupo. E, quando possível, enviado pelo correio. Para divulgação do boletim, pode-se também usar a Internet.

• Carta de princípios

É bom produzir em conjunto um documento breve que apresente a proposta de trabalho do grupo de trocas, seus princípios e objetivos. Isso ajuda a orientar as decisões futuras do grupo. Essa carta pode ser também entregue aos visitantes.

É claro que os grupos também podem encontrar outras formas de sistematizar e divulgar seus princípios e práticas.

• Trocando idéias e práticas

Algumas dessas práticas acontecem em certos grupos e em outros não. Só estão aqui listadas para mostrar um pouco daquilo que tem sido experimentado. Mas, claro, o grupo decide seu jeito de fazer. Cada grupo cria a sua própria dinâmica, faz algumas dessas coisas, não faz outras. Pode até olhar e conhecer outras experiências, mas quando começar a realizar, acaba fazendo de um jeito especial.



Lista de inspiração para produtos e serviços

- frutas,
- verduras,
- artesanato,
- ervas medicinais,
- pães,
- doces,
- roupas,
- enfeites,
- bijuterias,
- dar aulas,
- cuidar de crianças,
- lavar carro,
- fazer frete,
- cuidar de plantas e animais,
- fazer faxina,
- assessoria jurídica,
- informática, etc.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

SANCHEZ-COSTA, Dídac. Como criar um rede de trocas em sua comunidade. Itajaí-SC: Voluntários pela Verdade Ambiental, 2003.

Rede de trocas solidárias avanços e desafios

Entrevista com Robson Patrocínio

Outro dia uma pessoa me ligou e disse que estava se dando conta de que fazer trocas era muito simples, embora nas reuniões mensais dos grupos de trocas ou nas feiras de trocas, achasse tudo muito complicado, talvez muito burocratizado. Eu tentei explicar para ela o quanto são importantes as reuniões e feiras como espaços onde podemos nos articular e fortalecer.



Na verdade, as trocas já acontecem no nosso dia a dia, estamos trocando a todo o momento. O que precisamos é pensar sobre o ato de trocar, suas possibilidades e o quanto podemos avançar e ampliar essa idéia. Ou seja, no fundo aquela pessoa tinha mesmo razão: realmente trocar é muito simples, difícil é pensar sobre o que estamos trocando e por que trocamos. Criar uma moeda social não é difícil, difícil é



entender o porquê e o para quê criar uma moeda, qual a diferença essencial dessa moeda frente às outras tantas que conhecemos, como o Euro, o Dólar e o Real.

Após cinco anos de vivência no PACS com essa experiência de trocas, utilizando moeda social e pensando uma articulação dos grupos em torno de uma Rede de Trocas do Estado do Rio de Janeiro, consigo perceber quantos avanços foram conquistados. Ao mesmo tempo, quantos questionamentos e aprendizados foram feitos e quantos outros tantos desafios precisamos superar.

A entrevista a seguir, revela os caminhos que estamos nos desafiando a percorrer, acreditando que um outro Brasil e um outro mundo é necessário e urgente.

Como surge o interesse do PACS pelas trocas solidárias?

Robson - Em 1999, Sandra Quintela esteve no México e Marcos Arruda e Kátia Aguiar na Argentina, todos do PACS, tendo contato com as experiências de trocas nesses dois países. Não foram lá com esse objetivo, mais voltaram entusiasmados com as experiências das trocas que conheceram. O contato com o México e a Argentina foi muito importante, porque começamos a obter materiais informativos, tivemos contato com Heloísa Primavera, brasileira que lida ativamente com as trocas e vive na Argentina. No Rio, tudo começa, também em 1999, em outubro, quando o PACS participa, pelo Fórum de Cooperativismo, junto com a Capina e outras instituições, de um curso que se chamava *Viabilidade Socioeconômica*. Nesse encontro, fizemos a

proposta de criar uma moeda - que ficou sendo chamada de “Vitória”, num primeiro momento, e depois de “Tupi” - e de experimentarmos a prática das trocas por dentro do curso de viabilidade socioeconômica do Fórum de Cooperativismo. A partir dali fizemos um exercício e começamos a fazer outras discussões nas reuniões mensais do Fórum. Depois disso, começam a surgir outros grupos. Tudo isso favoreceu que a gente começasse essa história com muito entusiasmo.

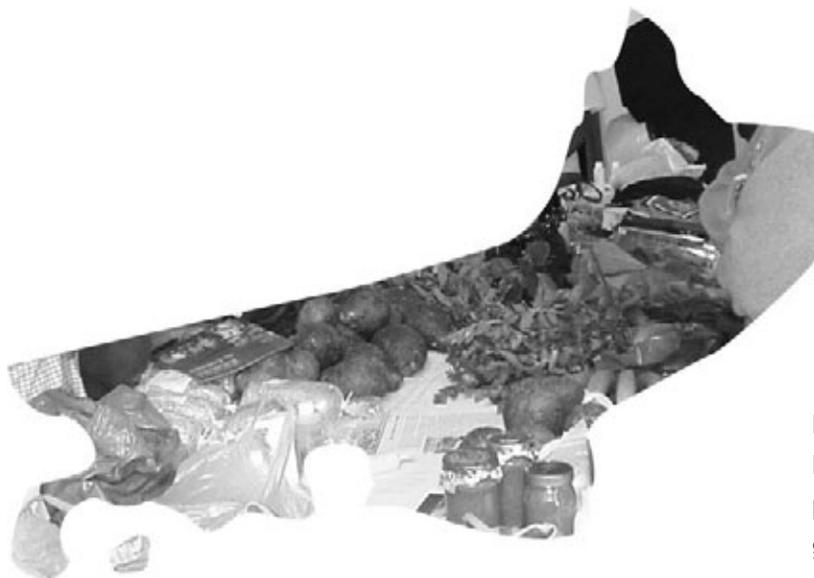
Qual é a relação da Rede de Trocas com o Fórum de Cooperativismo?

R - Com o crescimento do que a gente hoje chama de Rede de Trocas do Estado, quando foram surgindo outros grupos de trocas - Quilombo da Baixada, o Quilombo de Teresópolis e outros - esse movimento vai ganhando um outro caminho, e vai se desvinculando do Fórum. Por que isso? Porque muitas pessoas que participavam ou participam da Rede de Trocas não participam do Fórum. Mas, de fato,

acreditamos que ambas têm sua própria dinâmica, sua própria natureza, ainda que a origem da história das trocas no Rio tenha acontecido num evento promovido pelo Fórum.

Qual é o papel do PACS na criação da rede de trocas no Rio de Janeiro?

R - É importante lembrar de que não podemos dizer que a história da Rede de Trocas no Rio de Janeiro começou com o PACS. Não sabemos se, de repente, no Estado já existia, antes dessa idéia surgir, algum outro movimento de grupo de trocas. Temos conhecimento, por exemplo, de que em Niterói existia uma idéia de se criar um grupo de trocas antes disso tudo. O que podemos afirmar é que a iniciativa de se reunir os grupos de trocas, de se discutir a criação de moeda, de fazer uma articulação mais ampla e mais fortalecida tem o papel fundamental do PACS, junto com outros atores importantes como, atualmente, Casa da Acolhida, Casa Sol/Cepel e Rede de Economia Solidária Flor e Ser. O que importa é que ela vem integrando cada vez mais gente, mais grupos,



mais pessoas interessadas em questionar o sistema e em propor alternativas desde do micro, do local, das comunidades.

**E com relação a experiências no Brasil?
Existe alguma Rede fora do Rio?**

R - Primeiro acho que devemos entender melhor o que significa estar articulado em rede. O Rio trabalha com essa concepção. Não podemos afirmar que somos pioneiros, e nem se o que estamos fazendo é articulação em rede.

Acho que essas coisas não acontecem só pelo fato de nomearmos “Rede de Trocas do Rio de Janeiro”, mas acredito que estamos avançando na concepção de uma rede estadual. Em nível de Brasil, os Fóruns Sociais Mundiais e Fórum Social Brasileiro têm sido espaços privilegiados de encontro de experiências de grupos de trocas nacionais e internacionais. Atualmente, devemos ter em torno de 88 a 110 grupos de trocas espalhados em todo o país. Sabemos, por exemplo, que em Curitiba são 25 grupos e mais 13 em Ponta Grossa, fazendo do Paraná o estado com o maior número de grupos de trocas. No Rio Grande do Sul são oito os grupos e assessorias que trabalham com as trocas. Fora os outros estados que temos contato mais próximo, como o Ceará, São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia e Goiás. Cada qual tem suas particularidades. É o caso do grupo Palmas, no Ceará, por exemplo, que tem uma

moeda própria, que circula no comércio local, chamada Palmares. Podemos dizer que lá as trocas com a moeda social são permanentes. Isso não se constitui uma rede local?

E como é que funciona a rede de trocas no Rio de Janeiro?

R - Os grupos se encontram em reuniões mensais, desde o final de 2001. É o espaço onde ocorrem os debates, tanto de encaminhamentos práticos de realização de eventos, feirões, como também de discussão política da rede, momentos de formação interna dos grupos, tudo isso sempre se respeitando a autonomia de cada grupo. Uma coisa que faz com que a rede estadual funcione muito bem são os feirões, que aglutinam muito os grupos. Os feirões são espaços que criamos onde se troca de tudo, produtos, serviços, roupas, alimentos. Mas não é só um outro grupo trocando internamente, mas todos os grupos se encontrando, trocando entre si e se conhecendo mais. Além das reuniões mensais e dos feirões, temos também os encontros

anuais, onde avaliamos a caminhada do ano que se passou e planejamos os próximos passos, do ano seguinte. O primeiro encontro aconteceu em Nova Iguaçu, no final de 2001, no Sindicato das Domésticas do Rio de Janeiro. Creio que ali começa a idéia de se pensar um movimento mais articulado no estado.

Atualmente quantos grupos fazem parte da Rede de Trocas do Rio de Janeiro?

R - Ao todo são sete. Tem um grupo em Teresópolis, que é o Quilombo da Serra; há um outro na Baixada Fluminense, que está desarticulado. No município do Rio de Janeiro há outros grupos: Anchieta; Catete; Casa da Acolhida, na Tijuca; Aliança da Leopoldina e o grupo de Santa Teresa. Mas sabemos que também houve uma experiência em Niterói ligada à Universidade Federal Fluminense. No início era só o grupo do Catete. Ele tinha o papel de divulgador das trocas. Depois houve um aumento do número de grupos e pessoas participando na organização das feiras. O Quilombo da Baixada e o Quilombo da Serra,

em Teresópolis, foram os primeiros grupos a se integrarem à Rede. Por outro lado, também houve uma dificuldade de alguns grupos caminharem. E os motivos são vários. Desde quando começamos a fazer o primeiro encontro, alguns grupos já passaram - ou estão passando - por crises que têm relação, na maior parte das vezes, com a sobrevivência das pessoas - em geral, não têm uma ocupação permanente ou sustentam muitas pessoas em casa. Podemos relacionar também às lideranças históricas que estavam à frente desses grupos e que, de repente, por um motivo ou outro, não puderam mais acompanhá-los. Aí o grupo não se sentiu mais motivado pela falta da liderança. Podemos identificar também a falta de identidade de alguns grupos. Se você vai para Teresópolis, por exemplo, percebe que o grupo lá tem raiz, quer dizer, que está dentro da comunidade, que já tem um trabalho e as trocas vêm para fortalecer aquele trabalho. Em Nova Iguaçu, não ocorreu assim. Lá o grupo era composto por pessoas que vinham de longe para se reunir

no centro de Nova Iguaçu e fazer as trocas. Ocorreu igual no Catete: gente que vinha de Botafogo, Flamengo, Humaitá, Jacarepaguá para se reunir num grupo. Quer dizer, isso não cria raiz no grupo, não dá a chamada identidade para o grupo. Por outro lado, se analisarmos o grupo de Anchieta, por mais que tenha tido problemas em realizar as trocas - o Centro Comunitário que sediava as trocas e feiras locais não pode mais alojá-los -, hoje continua acompanhando as reuniões mensais da Rede de Troca do RJ. Reunimos em cada feirão quase cem pessoas. Uma feira do grupo de trocas de Teresópolis/RJ reúne, em média, 45, 30 pessoas, dentre elas muitas crianças. Sabemos que em Santa Teresa o grupo reúne cerca de 60 pessoas. Mas também se troca muito por telefone. Um dos papéis importantes que a Rede Estadual de Trocas conseguiu cumprir foi a divulgação desses grupos e das feiras, a divulgação do projeto, de dizer: 'isso dá certo, isso é possível dar certo, então vamos fazer'. Por isso é possível encontrar pessoas que, independente de participar de um grupo ou não, estão fazendo trocas.



Existe algum projeto alguma articulação pra ampliar a Rede Estadual do RJ?

R - Desde de 1999 nós fazemos oficinas em outros bairros, em outras comunidades, favelas. Deixamos uma sementinha da experiência das trocas nestes locais. Só não damos conta do que brotou. O que a gente discute hoje é a realização de oficinas e, a partir daí, apostar na criação de um ou dois grupos. Por que isso? Porque existe uma discussão dentro da Rede de que não se deve sair por aí fundando grupos. A Rede não tem que crescer pra mostrar que ela existe; muito pelo contrário, a idéia é: vamos fortalecer o

que tem, porque fortalecendo as experiências que já existem a gente vai provar que esse é um projeto viável. Assim, trabalhamos com a possibilidade de criação de novos grupos a partir das oficinas. Jogamos ali a sementinha e deixamos para que a comunidade dê o rumo que quiser. É o que aconteceu em Angra dos Reis/RJ, por exemplo. Eles têm interesse nas trocas, têm interesse em uma moeda social local. Aí chamaram o PACS para realizar uma oficina. Na realidade, fizemos uma demonstração do que são as trocas, do que é a moeda social e de seu potencial para o desenvolvimento local, comunitário. A partir

daí, eles ficaram de discutir o que é possível fazer. Ficaram muitas dúvidas e nos colocamos à disposição de continuar a discussão, caso queiram. De qualquer forma, em Angra existe uma articulação forte que originou uma rede local de economia solidária, assim como em todo o Estado do Rio de Janeiro também existem experiências diversas em economia solidária, tanto antigas, como o Fórum de Cooperativismo, como mais recentes.

Qual é a relação entre a economia solidária e as trocas?

R - Aqui no PACS entendemos assim: a socioeconomia solidária é o projeto maior, um projeto político de sociedade, e ele é concretizado, aos poucos, de várias formas. Se você analisa a experiência das trocas, das compras coletivas, do cooperativismo popular, associativismo autogestionário, tudo isso está dentro desse projeto maior que é a socioeconomia solidária. Trabalhamos nesta perspectiva. Os grupos de trocas, na verdade, funcionam ligados a uma história que já acontece

nas comunidades, nos locais onde as pessoas moram, transitam. Por exemplo, onde já existe um grupo de mães organizadas, onde existe um trabalho emancipador sendo realizado com as crianças de uma escola, no bairro onde existe uma cooperativa popular a troca vem para fortalecer esses movimentos. De repente você já tem um conjunto de trabalhos que está voltado para a economia solidária num determinado lugar, mas não tem as trocas; aí as trocas entram para poder fortalecer, para potencializar aquilo que já existe; além de ser sempre um aprendizado, um momento de formação muito interessante para aqueles grupos previamente ligados a algo. A gente trabalha a socioeconomia solidária na dimensão que valoriza o ser humano, em que o ser humano é essencialmente importante. E aí as trocas estão dentro disso. As trocas vêm mostrar, na prática, como é que a gente pode realmente fazer uma outra economia acontecer, que não depende de uma moeda especulativa. Que não depende de um mercado financeiro, que não ganha a vida por si próprio. Que não depende de bolsa de valores. Que depende da vontade do

trabalho das pessoas daquela comunidade, que depende da cooperação, que depende da solidariedade. Por isso é importante pensar as Trocas Solidárias além das feiras, além da moeda social.

Como as trocas acontecem? Que tipo de produto ou serviço é trocado nessas feiras?

R - Depende do grupo e do local. No caso de Teresópolis, encontramos muito alimento: pão, alface, limão, abacate. No grupo da Casa da Acolhida, na Tijuca, encontra-se muito artesanato, roupa, sapato. Por isso é que os feirões são importantes, pois se consegue uma diversidade maior de produtos para trocas. De modo geral, há pouca oferta de serviço nas feiras, já que são difíceis de operacionalizar. As trocas em serviços acontecem mais através dos contatos pessoais feitos durante as feiras. Neste caso, oferecem massagem, atendimento em fitoterapia, aulas de línguas, de violão, etc. De qualquer forma, é importante manter as trocas nas feiras, pois esse espaço físico é uma oportunidade de as pessoas se encontrarem, de



poderem conversar, trocar experiências, se olhar, se tocar, enfim. Nesse mundo tão corrido e agitado, isto já vale a pena por si. Pode ser utilizada a moeda social ou trocar sem moeda. O grupo de Anchieta, por exemplo, optou, desde o início - já tem quase três anos - em não utilizar moeda social, porque eles têm uma crítica à moeda. As trocas acontecem de produto por produto. Outros grupos acham que a moeda social é importantíssima. Eu, particularmente, acho que a moeda é importante porque tem uma função pedagógica. De qualquer forma, quando utilizada pelos grupos de trocas, a moeda é só um meio para a realização dos fluxos de produtos e serviços e da solidariedade entre as pessoas.

E qual seria, então, essa função pedagógica da moeda?

R - Primeiro é importante perguntar: para que existe a moeda nos dias atuais? Poderia não existir? Antigamente tínhamos outras formas de realizar as trocas, tínhamos outras formas de determinar as medidas de valor,

outras formas de interagir e de compartilhar os excedentes produtivos. Para intermediar as trocas que não podiam ou não eram fáceis de serem diretas, utilizavam-se objetos como moeda: conchas, pedras, papéis, ouro etc. O que acontece hoje é que a moeda, o dinheiro, é sinônimo de poder, de riqueza, de exclusão. Interessante ainda pensar que a nossa moeda nacional, de cunho forçado, o Real, tem uma paridade que, em última instância, significa que os trabalhadores dos EUA ganham o triplo apenas por terem nascido lá e poderem utilizar o dólar, moeda que vale muito mais do que o Real. Ao pensarmos também nos juros, isto é, no ônus que se paga em ter que pedir um empréstimo, que diariamente temos que pagar, tal qual o aluguel de nossas casas, podemos imaginar o poder revolucionário de uma comunidade que resolve criar sua própria moeda. A partir deste olhar histórico e dos debates sobre como fazer diferente, a moeda ganha uma função pedagógica. Há um leque amplo para se trabalhar questões políticas, econômicas e sociais através de nosso meio de

troca. Daí surge a idéia de que a comunidade pode ter sua própria moeda de acordo com as regras, quantidade, paridade, coordenação que determinar. Ahamos que a moeda tem essa função pedagógica, pois as pessoas vão tendo oportunidade de se questionar e de criar seu próprio instrumento de troca e seu modo de geri-lo, podem discutir o valor a ser dado para esse instrumento de troca, que não está vinculado ao vil metal, mas sim ao trabalho delas, que é diferente do Real, que é diferente da especulação financeira, dos juros. A moeda social não tem juros. E por que não tem juros? Porque, antes de tudo, a adoção dos juros é uma postura política, então abolimos os juros da trocas. Como a moeda social está vinculada ao trabalho, então ela só circula onde houver trabalho, se tiver serviço, se tiver produto, aí ela circula. Se não tem isso, não tem sentido existir a moeda. Mas eu acho que a melhor forma de você pensar um grupo de trocas, de você começar uma história de trocas, é você ir experimentando o que você já tem, é você ir trocando mesmo de forma direta, ou sem o uso



da moeda, num esquema de anotação dos saldos das pessoas dos grupos, por exemplo.

Existe alguma divergência entre os grupos em relação ao uso da moeda?

R - Como cada grupo de trocas é autônomo, cada um decide sobre as formas com as quais serão geridas suas ações. O mesmo se dá com a moeda, quando decidem se farão uso de uma moeda social local ou não. Então não há homogeneidade quanto à paridade. Consideramos isto uma grande riqueza. Por exemplo, em São Paulo a paridade é um pra um; um "Bônus", como eles chamam lá,

equivale a um real. Em Teresópolis, um “Tupi” equivale a três reais, porque eles estão trabalhando com base no salário da Marcha Mundial das Mulheres, que prevê que homem e mulher contribuem para a renda da família. No Catete, um “Tupi” equivale a 10 reais, ou mais um pouquinho, porque lá eles têm como base o salário do Dieese - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. Na Casa da Acolhida, um “Marista” equivale a três garrafas pet. Atualmente, o que tem causado polêmica não é nem tanto a concepção política das trocas, mas a questão da paridade. Não se trata de buscar uma paridade ideal, mas a questão é como lidarmos com a diversidade. É interessante ter essa diversidade, um monte de gente fazendo de forma diferente. Mas isso não está dando conta. Quando vamos para os feirões aqui no Rio, está sendo preciso criar uma moeda só para os feirões, com paridade só para os feirões. Afinal, como juntar a paridade de Teresópolis com a paridade da Casa da Acolhida? Uma coisa que a gente procura fazer é aceitar a paridade daquele local que está nos

recebendo. Por exemplo, uma feira em Teresópolis terá a paridade daquele local. Existe a experiência de que uma unidade da moeda social equivale à uma hora de trabalho necessária para se produzir o bem que se quer trocar. Aí abre outra discussão imensa. As pessoas questionam, por exemplo, que o trabalho de um jornalista não pode ser comparado com aquele do cara que está quebrando asfalto, ou com o cara que está trabalhando em um alto forno, com risco de vida e tal.

Rede de Trocas Solidárias - RJ

Depoimentos



Jobson Lopes Fiz parte do Mutirão Quilombo de Anchieta/RJ e hoje continuo atuando na Rede de Trocas do Estado, acompanhando de certa forma independente. Estou tentando implementar um projeto de economia solidária numa ocupação de sem-teto aqui no Rio de Janeiro. Na minha opinião a experiência da Rede de Trocas no Rio é muito rica e o principal desafio é tentar dar uma organização às feiras de trocas. Muitas feiras novas estão aparecendo e algumas estão conseguindo ter um ritmo até mais intenso do que feiras mais antigas. Seria ideal estar trocando experiências pra fazer um movimento mais coeso.

Cleide Maria Faço parte do Mutirão Casa da Acolhida. A Rede de Trocas do Rio de Janeiro, pra mim, é muito rica. No momento está passando por uma fase meio fragilizada, mas a gente está acreditando que se as pessoas se sensibilizarem mais, se desarmarem mais, possamos nos unir mais. Porque a Rede de Trocas aqui do Rio tem uma proposta muito boa, que é a união - a união faz a força -, que

se a gente pode, a gente é capaz de construir junto algo. E, nesse sentido, está muito frágil, muito frágil mesmo. Mas a gente está aí na caminhada, tentando se unir, tentando se fortalecer, tentando crescer.

Flávio A. B. de Souza Eu sou do mutirão grupo de trocas Mutirão Quilombo da Baixada, que pertence à Rede de Trocas do Rio de Janeiro. Para nós, a Rede é um processo muito importante, que vai fazer com que a gente consiga estar intercambiando os nossos saberes e os nossos produtos. E lá em Nova Iguaçu nós passamos por uma dificuldade esse ano de 2004. Nosso grupo está envolvido em muitas coisas e acaba que a gente não conseguiu trazer muita gente nova para esse processo. Mas, dentro disso tudo, está surgindo uma luz de esperança muito grande nesse final de ano, porque nós conseguimos fazer um grande encontro, lá em Nova Iguaçu, dos produtores, dos grupos de produção populares da Diocese de Nova Iguaçu. Nós queremos no ano de 2005 introduzir a filosofia da economia solidária que, pra mim, estará sendo uma nova cultura

do trabalho. Então, é muito importante que a gente esteja fundamentando em nossos princípios, que a gente esteja dentro dessa rede do Estado do Rio de Janeiro.

Antonia Ozório Faço parte da Rede Estadual e do grupo de trocas Flor e Ser, de Santa Teresa, que é uma rede que surgiu há pelo menos um ano aqui no Rio. Eu acho que o movimento da Rede de Trocas Solidária no Rio de Janeiro passa por um processo tanto de fragilidade quanto de amadurecimento. Nós estamos com, pelo menos, um ano nessa caminhada e temos feito bastante coisa, e a idéia é estar fazendo uma interlocução com política pública, estar fortalecendo mais ainda a Rede, através das feiras mensais.

Sérgio Carlos de Barros Venho atuando na zona Oeste através do projeto Bethânia Pró Reciclar. Eu acho o trabalho da Rede de Trocas muito importante por poder juntar projetos, cooperativas e iniciativas dentro de um só espaço onde as pessoas podem ter o deleite de discutir, de aprofundar as suas informações,

seus conhecimentos, aplicar, e tentar reativar a vivência cultural local. Tudo isso em busca da superação da exclusão, focalizando os pontos que fazem a fragilidade da sociedade comunitária, principalmente onde ela tem uma necessidade básica de se alimentar, de se vestir, de caminhar. E a gente segue dentro de uma perspectiva não mais sonhadora, agora concreta, de coletar material, dito lixo, e transformar esse lixo em possibilidades inacreditáveis. Então, acho que a Rede pensa a possibilidade de desatar os nós e ajuda a gente a ter força para caminharmos em busca da fraternidade, dos sentimentos puros que a economia solidária projeta em relação a esse sistema capitalista perverso.

Hildebrando Pedro de Jesus Estar dentro do contexto de Rede de Trocas Solidária representa dar continuidade àquilo que foi um sonho pra mim um dia. Esse sonho, antes, era bastante colorido, bastante visionário. Mas, ainda assim, meados dos anos oitenta e início dos anos noventa, eu consegui dar alguns passos concretos nessa realidade. Mas fui

barrado, embarreirado por um sistema maior da economia, porque a economia capitalista não admitia sequer imaginar você, por exemplo, criar uma moeda alternativa. A gente era considerado contraventor por estar criando uma moeda paralela, por estar indo contra a Constituição, enfim, a gente tinha diversas dificuldades. Então, a economia solidária também representa essa possibilidade, hoje concreta, ou seja, do sonho que se sonha acordado.

Maria das Dores Fiz parte do Grupo de Trocas Mutirão Quilombo do Catete e hoje atuo na Rede Flor e Ser, em Santa Tereza. As trocas solidárias são exercícios educativos e estou convencida de que este é o caminho que vai modificar a realidade burguesa e capitalista com sentimentos e ações solidárias. Na hora em que nossa maneira de pensar fazer trocas com moedas alternativas, moedas sociais, nossos pensamentos e nossa maneira de viver serão diferentes, para melhor. É espetacular a gente conhecer nos nossos encontros, através da Rede de Trocas, pessoas que aqui e acolá fazem esses exercícios, cada um de uma

maneira melhor que do que a outra. E é papel da Rede levantar essa bandeira que todas as outras pessoas vão entender e vão seguir este rumo novo na nossa economia.

Luiz Gustavo Há 2 anos a Aliança Solidária da Leopoldina e Adjacências (ASLA) e o CEPEL (Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina), e agora o CASASOL (Centro de Aliança de Saberes e Ações Solidárias da Leopoldina), herdeiro do anterior, vêm participando das práticas e reflexões em torno da perspectiva das trocas na Socioeconomia Solidária. Acreditamos que este é um caminho importante no sentido da superação da exploração, da pobreza e de todos os efeitos das formas de opressão. A Rede de Trocas Solidárias do Rio de Janeiro introduz um sentido de aliança com o outro. Dessa forma, procuramos, enquanto rede, construir laços de ajuda mútua e também uma cadeia produtiva, já que aquilo que um produz e oferece é útil para que o outro produza um serviço ou um artigo, e vice-versa. No circuito da troca solidária, baseada na relação entre comuns,

legítimos entre si, sem o objetivo de acumular mais valor do que a coletividade que produziu as somas, nosso objetivo tem sido a promoção da vida, o auxílio que podemos dar e receber no sentido de que cada um possa tornar-se mais si mesmo.

Joyce Andrade Percebo que os grupos de troca são espaços de articulação da sociedade civil onde trocamos, dentre tantas coisas, saberes, emoções, esperanças e construções. Nós, integrantes dos grupos, ganhamos autonomia, conhecimentos, construímos rede e, o melhor, nos organizamos para repensar a economia, uma economia inclusiva, sem fins de especulação.

As trocas na construção de novos sentidos

Katia Aguiar

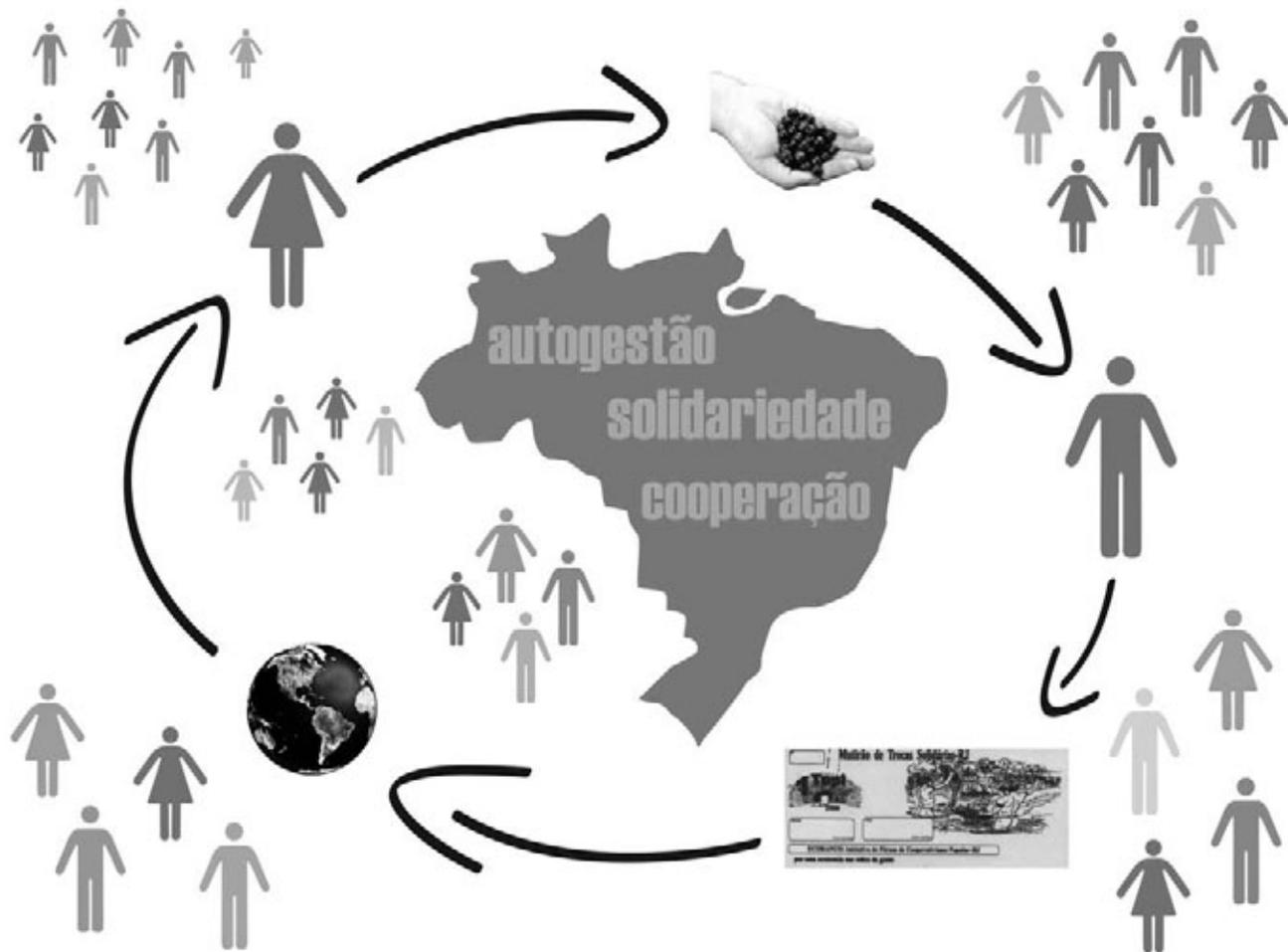
*Assessora de projetos do PACS, doutora em Psicologia Social (PUC/SP),
professora do Departamento de Psicologia da UFF*

As experiências de trocas solidárias se multiplicam. Essa é uma boa notícia! Melhor ainda é saber que como práticas eminentemente relacionais, essas experiências procuram acionar ligações que foram, senão desfeitas, em muito enfraquecidas por séculos de constantes ataques à Vida como valor maior. Mas é excelente saber que mesmo mergulhados numa cultura (do capital), marcada pelo exercício da dominação e pela delimitação de

domínios que garantem a exploração e o lucro, mulheres e homens de todas as idades dão mostras das forças de (re)composição que habitam em nós.

Nós, humanos, e tudo o mais que é vivo.

Durante o 1º Encontro Nacional de Grupos de Trocas Solidárias, no Brasil, uma lembrança curta, mas muito intensa, me ocupou por





alguns instantes. Imagens de um documentário que falava da mudança de atitude de moradores do sul do Brasil, em relação a uma imensa área degradada de floresta. O técnico responsável pelo acompanhamento das medidas de proteção àquele ambiente (fauna, flora e seus habitantes humanos) mostrava, com emoção e incontestável surpresa, a floresta de antes e a floresta de agora. Num curtíssimo tempo, que não saberia precisar aqui, houve não só um acelerado crescimento das matas, de espécies raras, como também o retorno de animais que haviam abandonado o lugar. A medida de proteção mais enérgica? A

não intervenção: o abandono de ações extrativistas e o deslocamento planejado dos habitantes. Os cuidados dispensados se limitaram a incentivar as tendências de expansão da vida já presentes naquele ambiente.

Penso, depois de passado o Encontro, que aquela lembrança precisa ser considerada no momento de construção de qualquer indicador que avalie a pertinência das práticas das trocas no momento atual, no Brasil, no mundo, no planeta... As participações presenciais no Encontro evocaram outras tantas que não



estavam presentes em sua materialidade, mas que também concorreram para desenhar a conjunção de diferentes elementos, operar ligações e favorecer a produção de outros sentidos aos saberes e fazeres que em cada momento se afirmavam. Posso evocar alguns: a economia na boca do povo, a desmistificação do dinheiro, a transformação das ações de filantropia, a doação como restituição...

Em meu entender, o objetivo do Encontro, o de potencializar o projeto nacional de Economia Solidária, guardava o desafio de não sucumbir às forças que concebem a vida

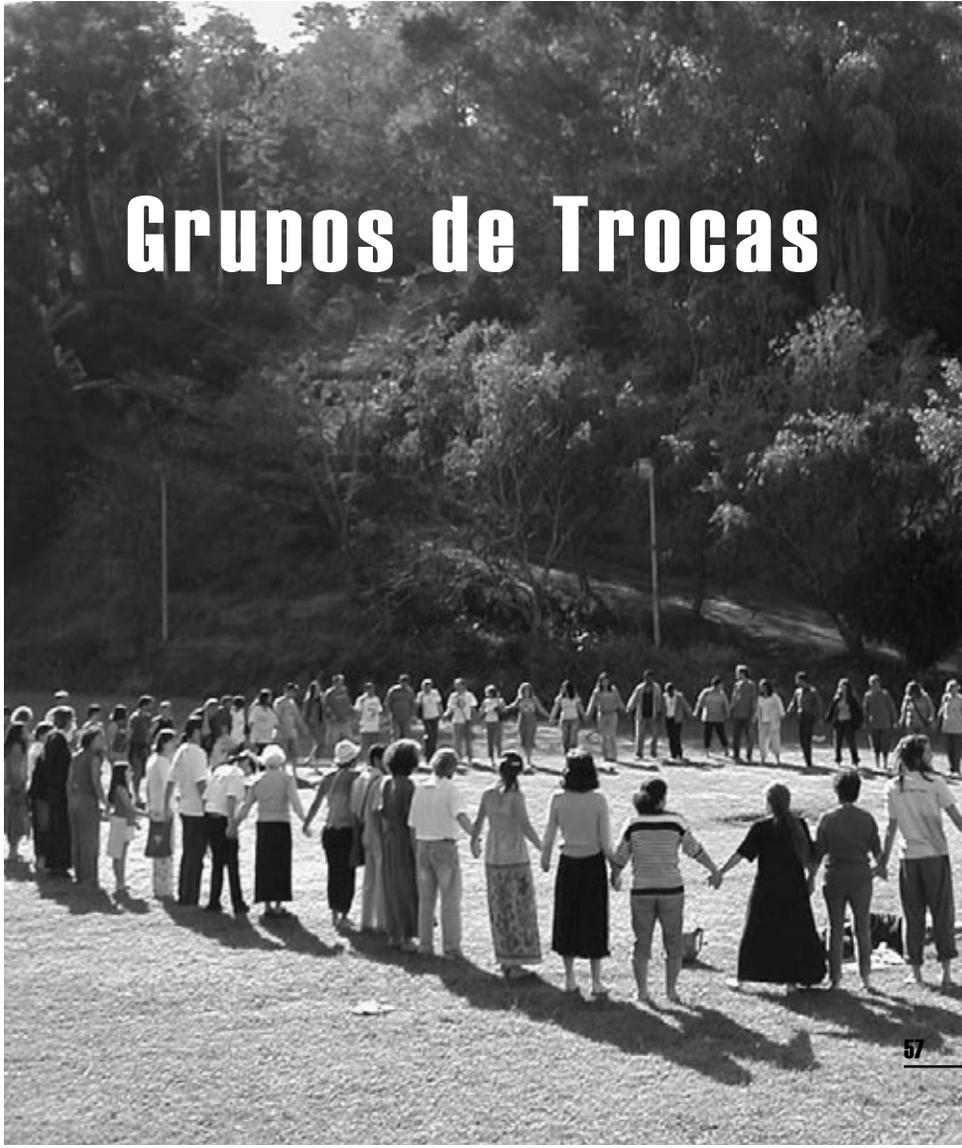
apenas em sua dimensão de conservação: fundação de princípios, definição de traços de identidade, acordos quanto a um modo de organização. É claro que um tanto precisa ser conservado para que a vida se mantenha, mas quando nossas preocupações se voltam somente para a conservação, eliminamos uma outra dimensão fundamental que é a dimensão da criação. Penso que existe uma grande diferença entre a atitude de garantir espaços onde guardamos amostras do que nosso mundo foi um dia, como nos zoológicos ou nas reservas indígenas, e a atitude de trabalhar pela afirmação da vida, modificando concepções e

afetos que sustentam nosso modo de viver. No primeiro caso alimentamos fetiches e mercadorias, no segundo investimos em outras sensibilidades, trabalhando com a compossibilidade, com a co-existência pacífica de diferentes mundos.

Sem dúvida, o dispositivo das trocas e tudo o que ele catalisa torna presente e viva nossas heranças, possibilitando sua recuperação, seu uso, sua reinvenção. O exercício das Trocas, no presente, expõe nossos limites, dificuldades e não saberes, provoca a dúvida e a capacidade de recomposição. Os Grupos de Trocas, se ocupando da potencialização da Economia Solidária, enfrentam o desafio de manter vivo o movimento de criação e a atitude de recusa num mundo onde tudo e todos podem rapidamente se transformar em mercadoria.

**Experiências
do campo e
da cidade,
de norte a sul
do Brasil**

Grupos de Trocas



Geilson Miranda Gonçalves - Integrante do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica. Turmalina, MG.

Geraldo Leite Macedo - Integrante do grupo dos feirantes de Turmalina, MG.

Contato: Rua São Pedro, Bairro do Campo, Turmalina, Minas Gerais

CEP: 39660-000 Fone: 38 3527-1401 ou 1658

Como começaram as trocas em Turmalina?

Geilson - Esse grupo tem um trabalho com a feira livre onde eles participam. São agricultores que trabalham mais com hortaliça, com doce, têm uma variedade de produtos da roça muito grande, têm muitos produtos. Todo sábado eles estão nesse espaço da feira, comercializando. Entre os agricultores, se tem uma quantidade maior de algum produto, se esse produto sobra, ele procura outro agricultor e faz uma troca por um outro produto que está sobrando também, que não está dando conta de vender.

Geraldo - Às vezes aqueles que mexem com doce, rapadura não têm a mercadoria que eu tenho; aí a dele está sobrando e a minha está sobrando, a gente troca. No final, eu vou levar

para casa a rapadura e ele vai levar aquilo que eu produzo na horta, que é cenoura, beterraba, alface, ervilha, vargem, repolho, amendoim.

E como é feita essa paridade?

Geraldo - Uma lata de doce custa R\$ 3,00 e o quilo de cenoura é R\$ 1,00 o quilo, então a gente troca 3 quilos de cenoura por uma lata de doce.

Faz tempo que vocês estão trocando?

Geraldo - Desde quando eu comecei a mexer com essa horta, já tem uns 3 anos. E eu sou um horticultor mais novo, tem os mais velhos que, com certeza, já vinham bem antes trocando também.

São quantos agricultores participando da feira de trocas?

Geilson - A gente faz um acompanhamento de 60 famílias, mas é um grupo aberto a todos os feirantes. O critério para participar do grupo é participar das reuniões. Aí tem o acompanhamento, principalmente na parte de produção, acompanhamento técnico de produção. De Turmalina, o número de pessoas que participam da feira toda, eu acho que chega a 150, 180 pontos de venda. Agora, os horticultores, que são as famílias cadastradas, que sempre participam das reuniões, são 60 famílias.

E essas reuniões acontecem com que frequência?

Geilson - Tem uma comissão dos feirantes e sempre que tem uma necessidade essa comissão se reúne. Não tem um período específico para reunir o grupo todo; de tempos em tempos a gente faz um encontro com o grupo todo. Participam todos os horticultores, todos os feirantes. Nessas reuniões, a gente discute a parte de produção, a parte de assistência téc-



nica e outros temas, como a produção natural, a produção sem produto químico, dentro da economia solidária. A feira também acontece em um outro município próximo, Minas Novas. Uma vez por mês a gente reúne a comissão de Minas Novas com a comissão de Turmalina, exatamente para ter esse contato, trocar experiências. Porque, na realidade, são dois grupos que são companheiros, não são concorrentes.

Como surgiu a idéia das trocas?

Geilson - Essa idéia das trocas não foi minha nem do Geraldo, foi uma coisa que surgiu entre as pessoas da feira. Foi uma coisa natural que surgiu do grupo.

Geraldo - Às vezes, na feira, a pessoa fala:

‘compra isso na minha mão’; aí você diz: ‘você podia fazer uma troca. Você tem isso?’. A primeira coisa que a gente pergunta; ‘que coisa você tem? Você tem maxixe, você tem quiabo?’, ‘Não tenho não’, ‘Então vamos trocar.’ Assim que foi surgindo...

Existe alguma idéia de ampliar a troca além dos produtos da feira?

Geilson - Por enquanto está assim, no grupo dos feirantes, mas isso é uma coisa que pode ser trabalhada. A gente está pensando em estruturar, crescer um pouco mais.

Caetano Magalhães Koralik, estudante de educação física, integrante do grupo Escambo e da ONG 4 Cantos do Mundo, que atua com educação ambiental. Belo Horizonte, MG.

Renata Drummond Martins, estudante de turismo, integrante do grupo Escambo e da ONG 4 Cantos do Mundo.

Contato - Rua Mármore, 258, bairro Santa Teresa, Belo Horizonte, MG.

CEP: 31010-220 Fone: 31 3463 0068

Quando vocês começaram a trabalhar a questão das trocas?

Caetano - Bom, em relação a essas vivências circulares, grupos, rede, a raiz principal foi da origem dessa instituição não governamental (4 Cantos do Mundo), de quando a gente estava na universidade. Estudantes começaram a se encontrar, idéias afloraram, começaram a ter reuniões, bate-papos, propostas de ações, tudo visando uma questão de harmonia, melhores condições de vida em relação à nossa cidade, aos povos ao redor. A partir daí foram abrindo várias portas... isso se deu no ano de 2002, ano do Terceiro Fórum Social Mundial, aí

já foi na seqüência o Fórum Social Brasileiro, o Fórum Mundial de Educação. Esses processos todos contribuíram muito para que a gente começasse a sentir essa energia de processos circulares. E o grupo de trocas, mais específico...

Renata - O primeiro contato com as trocas aconteceu a partir da indicação de amigos, a gente teve notícia que estava acontecendo esse escambo. A gente se integrou, começou a participar das reuniões que acontecem toda terça-feira numa casa, num centro cultural, que é a Casa da África, na rua Leopoldina, no bairro Santo Antônio, em Belo Horizonte. No

início as reuniões aconteciam para organizar as feiras. Aconteceu que começou a ir muita gente nas reuniões e às feiras não ia ninguém. Aí o grupo começou a levar os produtos já para a reunião. Atualmente, a reunião é bem cheia. O grupo é flutuante, já devem ter passado mais de 100 pessoas pelo grupo, mas, fixos, 20. Até os organizadores também vão se reciclando. Estamos buscando o retorno à feira, com o grupo trocando produtos, serviços e saberes.

E como funciona essa troca?

Renata - Existe uma rede organizada na internet e aí você faz seu cadastro, disponibiliza seu produto, seu serviço, seu saber. A partir desse cadastro eles vão tentando fazer as trocas, cruzando as informações. No entanto, por conta do grupo ser muito flutuante, o sistema não está funcionando muito bem. Durante as reuniões as trocas estavam acontecendo com alimentos orgânicos, alimentos de fazendas, mudas, biscoitos caseiros, bolos, pães, artesanatos, roupas antigas, livros, poesias, e os saberes

que, durante a reunião, eram trocados organicamente.

Caetano - Troca de energia.

Renata - É, a troca de energia estava sempre acontecendo. O grupo fortaleceu a idéia das reuniões, dos encontros. E desse grupo surgiram outros grupos, como um grupo de ecovilas, que se encontra de 13 em 13 dias e estuda as propostas de ecovilas, mesmo estando na cidade. E tem um outro grupo, que é o grupo de consumo, é um grupo de compras.

Caetano - É uma cooperativa de compras. As pessoas se organizam e fazem as compras, fazem a lista dos produtos. Na verdade, elas estão em contato direto com a associação de produtores orgânicos e, mensalmente, fazem a compra coletiva.

Onde acontecem as feiras?

Caetano - Antes elas aconteciam em diferentes locais: casas, salões de festas, etc. Agora a gente conseguiu um lugar muito interessante, que é o Mercado Distrital do

bairro Santa Teresa. Agora é um lugar público, aberto... E vai acontecer no terceiro domingo de cada mês.

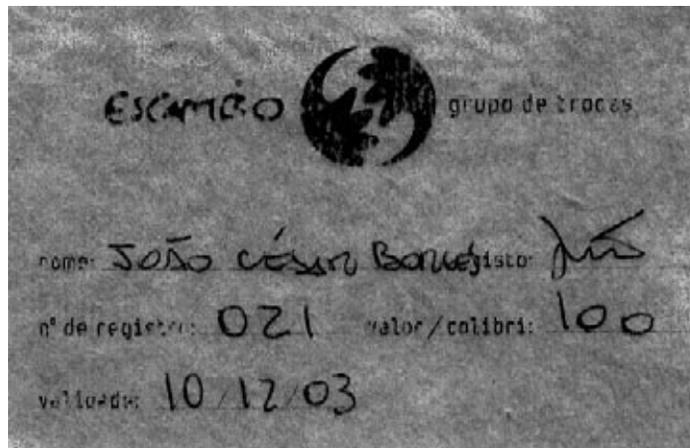
E como é a troca, produto por produto?

Renata - Produto por produto, serviço por serviço, produto por serviço também. Entre os serviços, tem esteticista, dentista, etc. Troca-se mão de obra. Por exemplo, você quer fazer uma horta, aí tem uma pessoa que se disponibiliza a fazer o trabalho.

Caetano - E estão acontecendo muitos processos coletivos de mutirões, que é mais um serviço solidário.

O grupo tem uma moeda própria?

Renata - Nós já tivemos uma experiência. Quando o grupo foi criado, uma das pessoas que estava na época da organização, um economista, desenvolveu a história da moeda, que é o “colibri”. O valor de um produto ou serviço seria dado a partir de um consenso, as pessoas iriam julgar: ‘esse valor está bom’, ‘não, está super valorizado’.



Caetano - Inicialmente, o que foi proposto que as pessoas chegassem com x colibris; por exemplo, cada um teria 100 colibris, independente do que estivesse levando, e a gente trabalhava com uma cartela, onde a gente anotava todas as trocas. Por exemplo, troquei tal produto, menos 5 colibris; aí sim, entraria esse processo que a Renata falou, de avaliação dos produtos ou do serviço. Mas não fluiu como o esperado.

Renata - E como as reuniões não eram mais pra discutir a moeda, já estava aquela coisa de

chegar lá e trocar mesmo, paralisou um pouco o processo, porque estava fluindo produto por produto, todo mundo que chegava lá saía com as coisas trocadas e fluía muito bem, mesmo sem o uso da moeda. Mas isso considerando um grupo de 20 pessoas, um grupo reduzido. Mas com a idéia de estar aumentando esse grupo, de estar atingindo realmente a comunidade, é preciso repensar o uso da moeda.

Quais foram os maiores desafios enfrentados pelo grupo?

Renata - Os maiores desafios foram a flutuação do grupo e, principalmente, a flutuação dos organizadores do grupo. Acho que esse é um problema de todos os grupos. A outra questão é a dificuldade em se desvincular da cultura do capital, de se desprender da moeda, principalmente na hora de valorizar as coisas. Então, por exemplo, você olha assim, isso aí está com cara de valer quanto? Por mais que a gente não queira colocar isso, a gente pensa assim. Mas, em compensação, o que a gente tira de positivo? Que essa união de pessoas com o mesmo propó-

sito, com os mesmos ideais, já é uma prática e tem fortalecido e até ampliado os nossos objetivos. É como se essa união criasse uma conexão que deixasse a gente mais forte para realmente mudar. Na hora que a gente se encontra, a gente sabe que está entre amigos e que pode continuar com essa idéia porque tem apoio, porque não se está sozinho. A gente criou um padrão de vibração diferente e que isso tem vibrado muito positivo de volta pra nós. É o fortalecimento pessoal mesmo, de energia mais forte; é o resgate, no final das contas, é sempre um resgate, a gente se encontrando nessa história.

Qual o perfil do grupo?

Renata - Atualmente temos umas 20 pessoas participando, entre estudantes, terapeutas, professor de História, economista, arquiteto. Um grupo bem diversificado.

Trata-se de um grupo com perfil mais classe média, não?

Renata - É, mas temos que vencer a barreira de misturar as classes.

Caetano - O propósito é estar unindo a

comunidade do bairro, que também vive o conflito das barreiras de classes.

Durante as reuniões, além das feiras, existe algum espaço para discussão sobre a questão das trocas, espaço de formação?

Renata - Bom, quanto mais aumentaram as trocas durante a reunião, mais se diminuiu a discussão. Mas teve esse momento sim, e ele continua acontecendo de alguma forma, mesmo que não seja durante as reuniões. Mas quando as pessoas levam os produtos para as reuniões, todos ficam muito ansiosos para trocar. Quando chega a menina do pão, por exemplo, acabou a reunião, porque todo mundo quer o pão.

Caetano - Já enfrentamos alguns conflitos também. Aconteceu, por exemplo, disputa para trocar um produto por aquele melhor. Digamos que seja o pão: todo mundo quer o pão e acaba esquecendo de outros produtos. Então, acontecem casos de pessoas que vão com produtos e voltam sem trocar nada porque, teoricamente, o dela não foi

valorizado. São questões como essa que precisam ser trabalhadas no grupo, mostrando desde a importância e o valor de todos os produtos, como também a questão da necessidade.

Miguel Palcha, integrante dos clubes de trocas: Novo Alvorecer (Tamandaré), Anjo da Guarda (Colombo), Grupo dos Amigos (Perpétuo Socorro). Todos os grupos estão localizados na periferia de Curitiba e se reúnem no salão da Igreja, de quinze em quinze dias.

Contato: Rua Barão do Rio Branco, casa 19, Jardim Iracema, município de Tamandaré, PR
Fone: 41 338-5396

Qual a sua relação com as trocas?

Miguel - Eu comecei a participar do clube de trocas Perpétuo Socorro, em 2002. O nosso projeto surgiu a partir dos clubes de trocas da Argentina. No início só tinha o curso de costura e artesanato. A pessoa queria fazer um curso, se inscrevia ali, e participava de palestra e de um curso. O grupo fornecia os “pinhões” - a moeda do clube - e com aqueles pinhões nós pegávamos a mercadoria - feijão, arroz, óleo, café, trigo, fubá, leite. Depois de três anos no Clube de Trocas Perpétuo Socorro, agora estou tocando outro clube em Tamandaré. Eu gosto muito de negócio, gosto de fazer barganha, fazer troca, sabe? Daí eu falei pra Leila, a

assistente social: “Escuta, uma coisa muito boa que a gente podia inventar, pra não ficar só nesses cursos, nesse estudo aqui, seria um grupo de troca”.

Que tipo de produto é trocado nos Clubes?

Miguel - Uns levam galinha, doce, laranja, limão, qualquer plantaço, uma couve da horta, um rabanete, uma beterraba, um abacate. Tudo é trocado.

Como acontecem as trocas?

Miguel - Você leva um bolo, por exemplo, e vê quanto é que vale. Se ele vale dois pinhões, você corta em quatro, depois vende a meio

pinhão cada pedaço. A gente tem que ter o seguinte pensamento: uma batatinha ou um pacote de cebola que subiu demais, se vale um real, você divide em dois, pra pessoa não achar ruim, porque a pessoa compra do mesmo jeito. Porque, hoje, as coisas quanto mais baratas, mais fáceis de vender e de comprar.

Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos Clubes?

Miguel - Algumas pessoas reclamam, dizendo que está difícil levar produtos para trocar. Mas eu falo: não está difícil; se você tem um criame [criação] de coelho, você leva um coelhinho, dois coelhinhos, todo mundo troca; você leva uma galinha, você leva uma dúzia de ovos... Tem gente que leva objetos usados também. Só não pode levar objetos estragados. Tem muita pessoa que reclama, porque leva uma bolsa cheia de roupa e não troca nada, mas não troca porque é roupa estragada, roupa suja. Verdura mesmo, se você vai comprar não vai pegar verdura que está murcha, que está amassada; tem que pegar coisa que esteja bonitinha.



E o senhor, o que leva para o Clube de Trocas?

Miguel - Eu trabalho com sabão, detergente, amaciante. Mas é produto que, se eu saio para vender, eu vendo. Só que eu vou ter que parar de trabalhar com isso porque tem os caras com firmas registradas, que não estão dando chance para nós trabalhar. Eu já tive firma, mas dá muito trabalho manter uma firma certa. Depois tem imposto demais e não compensa. Eu tenho uma lojinha de móveis usados, que eu colocava os vasilhames, ali na frente. Mas os caras já ficam implicando com

aquilo ali porque eles têm firma, dizem que vão entregar a gente. Então a gente vai ficando de um jeito acanhado que não dá pra trabalhar assim.

Depois de três anos trabalhando com grupos de trocas, o que mudou na sua vida?

Miguel - Mudou bastante. Eu peguei muita amizade, conhecimento muito com o povo. Os produtos que eu tenho pra trocar na minha casa e às vezes não consigo vender, eu levo para os grupos nas comunidades que eu estou trabalhando e um compra, outro compra. E como eu peguei muito conhecimento com o povo, as pessoas já estão até encomendando: é um ferro de passar roupa, um telefone, um rádio, um liquidificador. Essas coisas todas eu tenho na loja, então a gente pega e leva. Mudou muito porque muita coisa que estava parada lá em casa já acertei tudo fora.

Mas na hora de trocar, às vezes não acontece confusão?

Miguel - Ah, isso acontece. Já levei uma máquina de costura, daquelas maquininhas de

mão, sabe como é que é? Cheguei com aquela maquininha que lá em casa ninguém queria, mas quando eu apresentei no clube, já chegou uma e falou assim: “Qual é o preço dela?” E eu disse: “É baratinha, 10 pinhões”. A outra de trás falou: “Eu fico com ela.” Quando eu passei pra outra, aquela que veio na frente disse: “Mas eu ia te dar 10 reais em dinheiro.” Eu respondi: “Mas aqui não se vende em dinheiro.” Ela falou: “Mas agora também já não gostei desse negócio, eu estava conversando aqui e a outra lá de trás já comprou.” E eu disse: “Não, mas a senhora não falou que ia comprar; a senhora veio saber o preço, perguntou o preço.” Porque quando a gente vai pra comprar, chega ali, pergunta o preço e diz ‘eu fico com ela’. Mas ela começou a olhar, virar de um lado pra outro, e a outra comprou. E daí foi aquela confusão. Então tem que ter muita paciência, muita educação pra mexer com o povo. Esses cursos que nós fazemos aqui são muito bons, porque o pessoal daqueles bairros pobres não têm experiência. Que nem esse outro que eu estou começando a

levantar lá em Tamandaré. Está dando muito trabalho, porque na hora que chegam os alimentos na mesa o pessoal mexe em tudo, um vem de um lado, outro vem de outro. Aí eu digo: ‘não vai ser assim, não; vai ser do jeito que eu aprendi nos outros grupos. Nós vamos colocar todo o povo em fila. Cada um, na hora de entrar, às 8 horas, vai ter uma senha. O que não entrou, o que passar das 9 horas, não entra mais; e o que não levar algum produto também não pode fazer troca’. Porque se eu vou fazer uma troca, eu levo o produto e você não, como é que nós trocamos? Não tem condição.

Depois de pegar a senha, como funciona a troca?

Miguel -É o seguinte: você troca o seu produto pelo pinhão. Antes da troca, a gente dá um bom dia pra todo o grupo que está ali, e depois nós temos um minuto de silêncio para cada um fazer a sua oração. Depois tem a palestra, como é que nós vamos trabalhar aquele dia, como é que foram trabalhados os produtos todos. Aí a assistente social que trabalha com

a gente dá as informações e orienta aquele povo ali. Depois que orientaram todo o povo, um fica perguntando o nome do outro, e daí começa o clube de troca. Não interessa se você leva uma galinha ou um bolo. Tem uma mesa que é separada só com alimento, outra com roupa. Daí a pessoa chega ali, te compra, um cafezinho, um café com leite, um café preto, um refrigerante, um suco. Depois que todo mundo se alimenta, tem mais uma palestra pra daí começar a troca. Chama a pessoa com a senha ‘número 1’: a pessoa vem, entrega o pinhão e aí leva o feijão, a outra passa o arroz, a outra passa o açúcar, a outra passa o trigo, tem 5 ou 6 pessoas que trabalham como voluntários. Depois vai reunindo tudo, e aqueles pinhões vão sendo guardados.

Mauro Soares, região da Chapada dos Veadeiros, Planalto Central, cidade de Alto Paraíso, Goiás.

Contato - Rua 3-A, quadra 9, casa 26, setor Cidade Alta, Alto Paraíso, Goiás.

CEP: 73770-000 Fone: 62 446-2050

Como surgiu o interesse pelas trocas?

Mauro - A gente faz um trabalho sócio ambiental junto com a questão do ecoturismo, da educação ambiental, da arte/educação; e a socioeconomia solidária surgiu com a relação da nossa proximidade com o PACS, isso há mais ou menos 7 anos. Nós começamos a conhecer a proposta e a identificar que nós tínhamos ações de socioeconomia sem saber que tinha essa terminologia, principalmente com o pessoal da área rural, que exercia um processo de troca muito grande. Nós começamos a desenvolver, inicialmente, um programa de educação ambiental para o entorno do Parque, então começamos a visitar os municípios. E nesse processo identificamos as mesmas necessidades, as mesmas dificuldades. E o processo de

capacitação, principalmente para guia de ecoturismo, é que nos deu a grande chance de começar a falar sobre a questão econômica e, principalmente, também com as mulheres, as donas de casa, com a questão da troca.

E como foi a receptividade das pessoas com as trocas?

Mauro - A gente teve sempre uma adesão muito grande das mulheres porque a mulher, ela já tem uma força muito grande por conta do processo familiar, em casa, da questão com a alimentação, com a educação das crianças, com a relação com o marido. E isso dava uma configuração pra gente da mulher mais apta e muito mais acostumada com a questão da troca. A gente fez um processo de resgate quando

começou a falar sobre isso, e identificamos que a questão da socioeconomia solidária já estava impressa em toda a região, só que a gente precisava dar visibilidade para as próprias pessoas que faziam isso, e transformar em didático esse processo para chegar a falar da moeda social. Então, isso começou a ser colocado em todas as nossas áreas, em todas as nossas oficinas, cursos e foi se expandindo...

Qual a frequência das feiras de trocas e o que é trocado?

Mauro - A gente começou a sentir, principalmente em Alto Paraíso, que é onde a gente tem um acompanhamento mais constante, que começaram a haver os bazares e, depois, as feiras de troca com as mulheres. Inicialmente trocando roupa, produtos de casa e hoje existe um encontro de troca que se chama *É dando que se recebe*. As pessoas vão e dão, por exemplo, uma poesia, um doce; elas se organizam e fazem uma verdadeira celebração. Esse encontro que acontece uma vez por mês se tornou uma coisa forte e hoje

já está se expandindo. Nós temos uma feira popular de hortifrutigranjeiros, ela é pequenininha, bem simples, mas as mulheres e, agora, outras pessoas, estão se apropriando. Isso, para nós, está sendo muito legal porque está surgindo voluntariamente e pela necessidade das pessoas terem coisas que não usam; então começou basicamente com roupa e hoje eles trocam tudo. A proposta da economia solidária já está comprada, principalmente na comunidade de Alto Paraíso, dentro desses enfoques das feirinhas de troca e desse encontro que acontece uma vez por mês, que eles deram esse nome muito apropriado, *É dando que se recebe*.

Quantas pessoas estão envolvidas?

Mauro -A gente tem em torno de umas 20 pessoas que estão sempre muito engajadas com essa ação.

A troca é feita produto por produto?

Mauro -Tem acontecido muito a troca de serviço. Por exemplo, eu sou guia, então na

hora que eu tiver um grupo que chegar aqui pra visitar, eu te chamo e você fica com crédito comigo. Então elas começaram a fazer essas trocas de serviços e produtos, dentro das conveniências e das necessidades de cada um. O que a gente sentiu foi o seguinte, fortificar que aconteça, pelo menos, uma vez por mês o evento deles, oferecer a nossa infra-estrutura, computador, impressão, para que as mulheres nos procurem, porque não são necessariamente pessoas vinculadas à nossa organização, o GAMA, o Grupo de Apoio ao Meio Ambiente.

Vocês utilizam moeda social?

Mauro - Nós temos o “cristal”, que é linda, o *designer* dela é legal. Temos 1 cristal, 2, 5 e 10. Mas qual era o problema? Imprimir a nota e fazer com que essa nota ficasse circulando. E eu já tenho notado em todos os grupos de economia solidária que a grande dificuldade é fazer a moeda circular, seja através de cartões ou através de moedas. Nós resolvemos parcialmente essa dificuldade, porque começamos a ter isso com uma carteira de

bônus. Então a gente, com os guias, está fazendo isso oficialmente; as mulheres têm um acordo entre elas, ficam mais ou menos com crédito, dependendo das trocas. Agora, nós tentamos institucionalizar e estamos numa experiência inicial no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Estamos tentando concentrar no Centro de Referência de Educação Ambiental, que está sendo implantado lá, um espaço que vá estar controlando as carteiras de bônus pra guias.

Como funciona essa troca por carteira de bônus?

Mauro - A gente dá os cursos de especialização para o guia e ele não paga. São cursos de especialização, de reciclagem, de primeiros socorros, básicos, de formação. Eles não pagam nada, porém têm uma obrigatoriedade de repassar conhecimentos, na área de educação ambiental, para jovens de primeira a sexta série. Como é que a gente faz isso? Depois que sai do curso ele recebe uma carteira e a gente faz o acordo, porque cada

município tem a sua associação de guias. Ele não pode receber uniforme se não tiver um certo número de pontos, e ele vai precisar do uniforme. Como é que ele vai conseguir aquele ponto? Se ele for num colégio e fizer um trabalho de educação ambiental, ele ganha o ponto. Um uniforme vale, por exemplo, 5 pontos; e a gente está dando o nome de cristal a isso, então 5 cristais. A gente continua usando a moeda, ela só não está funcionando como papel, mas está funcionando como nome e ideologia. Os guias vão sair com uma carteira de bônus; e a responsabilidade social deles qual é? Repassar e fazer trabalhos. E ele não pode fazer isso sozinho, ele tem que fazer com três a mais pessoas, nunca vai sozinho, porque aí cria também um sistema de fiscalização informal e um sistema de apoio, porque o cara sozinho não se sente seguro. Agora, pra continuar incentivando, a gente amarrou a troca no Parque Nacional, dentro desse centro de referência que está sendo montado. Lá vai ter corda, mochila, livros de especialização sobre fauna e flora. Livros sobre fauna e flora, por exemplo, são



caros, então vão custar 25 cristais. O cara vai ter que fazer muito trabalho dentro da escola pra conseguir o livro. Então nós conseguimos vincular a história da moeda solidária com ação social e está funcionando. As primeiras experiências estão sendo feitas em Alto Paraíso e, agora, a gente está implantando em Cavalcante. Depois vai ser em todos os municípios. Todos os guias, a partir de agora, estão sendo formados com uma relação de responsabilidade social e de moeda social. E o Ibama está comprando essa idéia e vai ser muito importante, porque vai estar dentro de uma área oficial do governo nacional. Daqui a pouco, a gente pode conseguir difundir isso em todos os Parques Nacionais.

Leide Rosa da Silva, integrante do Clube de Trocas de Guajuviras, no bairro de Canoas.
Contato - Setor 4B, quadra J, casa 4. Guajuviras, Canoas, Rio Grande do Sul. CEP: 92415-710

Como começou a sua relação com as trocas?

Leide - Foi através da Metroplan, da Prefeitura, e da GTZ, uma ONG alemã, que propuseram pra nós essa questão do clube de trocas. A gente estava muito sem saber como fazer, como começar. Então, eu sei que um dia a gente chegou, ‘vamos começar esse negócio aí, porque só na conversa acho que nós não vamos sair nunca disso’. Aí, em dezembro de 2001 nós iniciamos; e até hoje a gente continua.

E quantas pessoas participam do clube?

Leide - Nós já tivemos participação de umas 100 pessoas numa feira de trocas, mas depois a gente viu que não dava mais pra continuar porque era muita coisa, parecia um festival. E nós não temos espaço, dependemos da agenda do padre, e nem sempre o salão da Igreja está

desocupado. E falta mesa, falta isso e aquilo. Então, a gente tem uma dificuldade muito grande de espaço.

Na região da Grande Porto Alegre existem outros clubes de trocas. Existe alguma conexão entre eles?

Leide -É uma característica nossa, do Rio Grande do Sul, que cada clube trabalhe individualmente. Nós não temos uma interligação com outros. Agora que a gente está retomando o processo, e está querendo interligar mais. E também os clubes de trocas não são reconhecidos... Eu não sei bem, é como a economia solidária. Lá nós temos a parte do Conselho Estadual de Economia Solidária, os clubes de trocas não participam. O Conselho diz que não reconhece a questão dos clubes. Acho

que porque é recente, não sei bem. Eu sou do Conselho Estadual da Economia Solidária, represento a regional lá, mas não dos clubes.

O Clube de Guajuviras surgiu a partir de um assentamento, não é isso?

Leide - Sim, de uma ocupação de casas. Tinha umas 6.500 casas construídas há 5 anos, fechadas, e o povo, todo mundo pagando aluguel, resolveu ocupar.

O clube têm participação de homens e mulheres?

Leide - A maioria mulheres. Só temos um homem, que está na coordenação do clube de trocas. Mas nós temos tudo que é idade, até crianças que fazem desenhos e levam. Senhoras já bem mais de idade.

O que vocês trocam?

Leide - Tudo que tu imaginas: roupa, calçados, eletrodomésticos aparecem também. Tem uma menina que corta cabelo e faz unhas. Até psicóloga nós tivemos. Além de biscoitos,



temperos caseiros, brinquedos - tem um grupo que faz bonecas.

O Clube tem uma moeda?

Leide - Sim, o Guajuvira: nome de uma árvore que é também o nome do bairro. Um guajuviras é R\$1,00, o mesmo valor pra não dar tanta confusão.

Vocês se reúnem para discutir questões do Clube?

Leide - Ah, sim. A coordenação sempre se reúne antes da feira pra ver os detalhes. Às

vezes a gente faz divulgação na rádio comunitária, às vezes a gente vai à igreja e também fala. No mês de junho a gente sempre faz festa junina. Cada um leva um pouco e faz pipoca, quentão. E na festa dos dois anos do Clube, ano passado, a gente fez um bolo enorme e levamos a música, a cultura que é do bairro. A gente deu a oportunidade deles se apresentarem, e todo mundo assistiu e viu as coisas que têm no bairro. Eu acho que é um espaço assim, onde as coisas novas, diferentes, aparecem. A gente entende que isso é uma troca também: não só de mercadorias, mas de cultura, do lazer. Porque tem muita gente que diz assim: ‘não vejo a hora que chegue o sábado, o dia para encontrar outras pessoas’. Tu convidares as pessoas simplesmente pra dar uma palestra sobre determinado assunto, elas não se motivam. Agora, pra juntar alguma coisa que ela tenha em casa e ir lá trocar por outra mercadoria, há uma motivação. Então é uma forma de tu levares as pessoas a se integrarem. Chegando lá, ela vê outras coisas, outros valores, ela vai se motivando pra vir.

Além da questão do espaço, existe algum outro problema enfrentado pelo Clube?

Leide - A gente tem aqueles problemas de produtos, que uns já ficam reservando antes. Tu tens que estar sempre falando, estar sempre controlando. Mas acho que é um aprendizado. E também uma dificuldade é o fato das pessoas levarem, às vezes, pouca mercadoria.

O que mudou na sua vida depois das trocas?

Leide - Eu, no meu caso, já vinha trabalhando com a comunidade, sempre. Só que, pra mim, o que mexe mesmo nessa questão de troca é ensinar outra pessoa a fazer o que a gente sabe. Que nem tempero caseiro, a gente tem ensinado pra várias pessoas e hoje as pessoas estão produzindo pra vender normalmente. Pra gente isso é muito motivador. Eu tenho colegas que estão na coordenação hoje e que dizem: ‘eu preciso disso, pra mim é maravilhoso’. Ver os frutos que vêm crescendo.

Cleide Lopes, integrante do grupo do Jardim Rubilene.

Contato - rua Delfino Prata, 30, Jardim Santa Teresinha, Santo Amaro, São Paulo

CEP: 04474-170

Que tipo de troca acontece no seu grupo?

Cleide - Tem muitas pessoas que trocam roupas usadas, bem conservadas, sapatos. No meu caso, sou muito difícil levar roupa. Eu levo muito é bolo, canjica já feita pra vender, arroz doce, às vezes pão - quando o monetário está bom, aí eu levo pão. Aí nós ficamos ali, a gente conversa, é muito divertido.

Você utilizam moeda própria?

Cleide - Nós temos a moeda, o “bônus”, equivalente ao real. Tem 1/2 bônus, que seria referente a R\$0,50; 1 bônus, 2 bônus e 5 bônus.

E como a senhora ficou sabendo da existência do clube de troca?

Cleide - Eu fiquei sabendo assim: eu estava

conversando com umas amigas, e passou uma mulher e falou: “Vocês não sabem onde tem um clube de trocas?” Eu falei: “Clube de trocas na nossa rua? Olha, há 40 anos que eu moro aqui, não conheço nenhum clube de trocas.” Ela: “Tem, é um clube de trocas, dizem que é numa escola de criança.” “Ah, então é no Gote, é lá em baixo, pra baixo da minha casa, umas 10, 20 casas.” Ela falou: “Então está bom. Obrigado.” E desceu. Passou uns dias, eu encontrei uma amiga minha, a Narcisa, nós nos damos muito bem, ela é professora de tricô e crochê; aí ela falou: “Cleide, você não quer ir num clube?” Eu falei: “Clube, Narcisa? Que clube?” “É um clube que você não movimenta dinheiro, é um tal de clube de trocas.” Eu falei: “Ah, passou uma senhora de idade na



minha rua falando. Quando que é?” E ela respondeu: “Domingo agora. Você não quer ir?” E eu disse: “O que eu levo?” “Leva aquelas roscas que você faz, recheadas de goiabada, que parece um bolo”. Aí eu falei assim: “Está bom, se eu tiver dinheiro pra comprar as coisas, eu vou. E o que você vai levar?” Ela falou: “Vou levar macarrão fresco”, ela é descendente de italiano. “Então está bom.” Aí nós marcamos, eu levei 5 roscas, uma receita só. Eu acho que tinha, umas 50 a 80 pessoas, estava ótimo. Eu fiquei meio com vergonha, entrei e o Carlos veio falar comigo. Nós demos o nome, endereço, ele pegou a identidade nossa. Eu falei: “Como é que nós vamos fazer?” Ele falou: “Eu vou dar 50 bônus para cada uma de vocês já terem dinheiro pra comprar as coisas. O que a senhora trouxe?” Eu falei assim: “Eu trouxe umas roscas.” Ele falou: “Então, se a senhora não vender, a senhora já tem pra comprar.” A lei nossa era essa - eu falo

nossa, porque já estou há 6 anos: nós pegávamos 50 bônus e, se desistisse, nós tínhamos que devolver ou os 50 bônus ou em 50 reais. Eu falei: “Tudo bem, Carlos, eu aceito.” Aí ficamos lá meio com vergonha, um monte de mulher. Eu vendi minhas roscas assim, num piscar de olho. Nunca mais saí. Eu fico muito triste quando não vou. Mesmo que você não venda nada nem compre, mas a gente vai lá, se diverte, brinca, e fala, e brinca com uma, brinca com outra. Eu já arrumei até uma afilhada de batismo. Mas eu sei que nós fizemos muita amizade. Foi assim que eu conheci o clube de trocas.

E a senhora vê alguma dificuldade no grupo de troca?

Cleide - No começo tinha muita coisa boa. Tinha um moço, que não frequenta mais, levava muitas caixas de óleo pra vender. O Carlos que levava caixa de 30 dúzias de ovos, tinha gente que levava arroz, outras levavam leite. Nós fazíamos fila e comprávamos. Mas agora eu estou achando um pouco de dificuldade, não está indo muita gente.

A senhora acha que diminuiu a oferta por qual motivo?

Cleide - Eu acho que a dificuldade das pessoas, de não terem possibilidade de comprar as coisas. Eu faço um sacrifício, porque eu ganho aposentadoria. Eu gosto de fazer bolo, levar pedaço; ou pão, é o que eu gosto mesmo. Mas tem vezes que não dá, então eu compro canjica e faço. Eu tenho que comprar os copos e as colherinhas. A minha nora às vezes leva coisinhas que compra lá a R\$1,00, R\$1,99. Eu acho que a dificuldade está sendo agora por falta do dinheiro, eu acho que diminuiu muito mesmo por causa disso. Acho que há 6 anos atrás a vida estava um pouquinho melhor, agora está uma dificuldade. Mas eu gosto.

Caso a senhora fosse fazer um convite para outra pessoa participar do grupo de trocas, o que a senhora diria para convencê-la?

Cleide - Eu convidaria a pessoa para ela conhecer, porque eu acho que estamos precisando mesmo de sócios. Eu acho que ela deveria tentar, mas eu já cansei de chamar e

tem gente que não vai. Outro dia carreguei minha cunhada. Eu convidaria para ir, porque sempre a gente compra alguma coisa. A dona Márcia leva muito papel higiênico, aqueles rolos, a gente sempre traz pra casa. A dona Maria leva sempre uns paninhos de prato, umas coisinhas que a gente sempre compra; e sempre tem alguma coisa pra gente comprar. Está difícil, mas é bom.

Além de ser um espaço de troca, o grupo parece ser um momento de encontro...

Cleide - É um encontro. Tem gente que leva refrigerante, tem gente que leva coxinha, que leva salgadinho. Eu levei muito também foi panqueca recheada, já congelada, eu levo muita coisa de comida. Então, é um encontro assim, como é que eu falo? Gratificante, sei lá. Eu adoro. As minhas irmãs falam assim: “Cleide, você vai estar domingo em casa ou tem clube?” Eu falo: “Ah, tá bom, pode vir que eu não vou.” Mas eu sou viciada no Clube...

Ivonete de Oliveira Silva, presidente do GEPS, Grupo de Economia Popular e Solidária, integrante do Conselho Interlocutor da Rede Nacional de Economia Solidária, representante do Estado da Bahia e do Sudoeste da Bahia.

Contato - Rua Castro Alves, 426, bairro Guarani, Vitória da Conquista, Bahia. CEP 45100

Quando surgiu o Grupo de Trocas?

Ivonete - Surgiu em 2001, a partir de um projeto de Dora, uma pessoa muito amiga da gente, que morava em Santos, e foi embora pra Vitória da Conquista. Lá em Santos ela já tinha uma grande experiência com clube de trocas, e aí ela fez um projeto com o professor Gildásio Santana Júnior. Aí, nós começamos bem pequenininho, com algumas pessoas. Tinham marcado uma data e a gente até antecipou. Durante uma plenária do GEPS alguém sentiu necessidade de uma cadeira de rodas - estava precisando de uma cadeira de rodas pra mãe, porque tinha dado derrame e essa pessoa ela era muito gorda. Aí, alguém na plenária, ao invés de oferecer uma cadeira de rodas, perguntou pra ela: “Você tem um motor

de máquina de costura sobrando na tua casa?” Ela falou: “Eu tenho”; então ele disse assim: “Então a gente troca por duas cadeiras de rodas, uma pra você locomover sua mãe e outra pra você dar banho.” A gente achou muito interessante, todo mundo ficou emocionado e aí a gente achou que, realmente, no nosso meio, tinha necessidade de um clube de trocas. Na realidade, o GEPS sempre trabalhou com economia popular e solidária. Mas só foi depois que surgiu a idéia das feiras de trocas, mais por causa da necessidade de sobrevivência das pessoas. A gente achou que era legal, que poderia estar trocando outros produtos. Antecipamos a feira para esse mesmo dia e trocamos produtos de

ponto de cruz, matéria prima pra ponto de cruz e, de lá pra cá, a gente fez várias feiras. Só que Dora fez um concurso em Brasília, passou, para felicidade dela e tristeza da gente, ou talvez alegria da gente, porque depois disso ela também consegue agilizar algumas coisas pra gente lá em Brasília. Mas, em termos do clube de trocas, a gente parou um pouco. Porque o professor também, que trabalhava com a gente, está fazendo doutorado na Unicamp, em São Paulo.

Quer dizer que as feiras de trocas não acontecem mais??

Ivonete - Tem uns oito meses, mais ou menos, que nós não fazemos a feira de trocas, mas todos os dias as pessoas trocam: um dia de serviço por farinha, etc... Às vezes fazem as trocas até por telefone. Liga um pro outro: 'olha, estou precisando de uma toalha, está faltando linha de tal número, de tal marca', 'ah, eu tenho; e eu estou precisando disso e disso, você tem?' 'tenho'. Aí, pronto, a troca está sempre acontecendo.

Então a troca existe, mesmo sem feira?

Ivonete - Existe no dia a dia. Nós temos uma loja, que se chama Loja do GEPS, onde é o ponto de encontro das pessoas. Elas colocam os produtos pra vender e lá eles se encontram com os outros associados e começam a queixar que estão precisando disso, aí o outro: 'ah, mas eu tenho', e todos os dias eles fazem essa troca. Nós trabalhamos com alguns professores que dão cursinho pré-vestibular, aí a gente troca camisas ou toalhas bordadas por cursinho pré-vestibular. E também a gente troca sentimento, sem a comparação de valores, de não estar diminuindo aquele produto. A gente tem o exemplo da troca de uma consulta pediátrica por uma raiz de mandioca. Aí você fala: 'mas a raiz de mandioca não é uma coisa pequena? Às vezes ela não dá nem um quilo de farinha'. Você fica com aquela questão: 'mas vale a pena você trocar?' Aí entra a solidariedade da pessoa, de ter compreensão: se ela passou quase 6 anos em uma universidade, a mãe natureza também teve a bondade de estar construindo aquele produto e



colocando ali prontinho pra gente.

Acho que é uma coisa que, apesar da gente não ter muita experiência, a gente está tentando trocar e aprender essa busca de saber no nosso dia a dia.

O grupo é formado por homens e mulheres?

Ivonete - É, no nosso grupo temos 45 mulheres, 15 homens e 10 adolescentes. A gente tem um total de 70 pessoas fixas no grupo. Mas o grupo de economia popular e solidária é composto por 280 pessoas, abrangendo a zona rural e urbana de Vitória da Conquista. Além da gente estar trabalhando com esses grupos, a gente presta assessoria também para 50 municípios.

Qual o compromisso dessas pessoas que participam do grupo?

Ivonete - Elas têm o compromisso de ir a todas as reuniões, que acontecem todo primeiro sábado do mês, das 2 às 6 da tarde.

O grupo utiliza moeda social?

Ivontete - Nós temos a nossa própria moeda, que é a moeda “geps”, com equivalência ao Real. Mas a moeda só é utilizada nas feiras.

Qual o principal desafio enfrentado pelo Grupo?

Ivonete - O maior problema da gente é porque nós não temos uma sede, um local para a gente estar reunindo. A gente tem conquistado algumas vitórias, temos conseguido alguns projetos, mas os projetos, a gente pensou mais no povo do grupo do que na própria estrutura. A gente agora conseguiu, através da Prefeitura, em parceria com o GEPS, o ponto de referência da economia solidária no Estado da Bahia. Nós somos os primeiros. É um espaço imenso, aí vai dar pra gente dar oficinas,

capacitação, ponto de venda e também vai estar trabalhando os fóruns com a participação de outros municípios.

E a relação das pessoas com a moeda?

Ivonete - É muito engraçado. Uma vez a gente pegou e fez uma feira no dia da vovó. E antes fez uma oficina de palitos de fósforo e de picolé, oficina de bordados, tricô, tapeçaria, oficina de vitral, puf, material reciclado de garrafa pet. Eles conseguiram fazer vários pufs, foi uma coisa maravilhosa. A gente conseguiu mais de 100 peças, sem falar do pessoal que já tinha costume de participar da feira, que chegou depois, pra trazer os produtos. Mas como os produtos ficaram muito bonitos, quando entregamos a moeda pra cada um, quando chegou a hora das pessoas pegarem seus produtos, o pessoal ficou tão desesperado, que as vovós, pessoas de idade, começaram a cair umas por cima das outras. Me deu um desespero tão grande, ‘meu Deus do céu, que horror, eu vou machucar o povo. O que eu vou fazer agora?’ Aí foi que eu pedi pro



pessoal acalmar. Mas mesmo assim ficou assim: um puxou, ‘esse aqui é meu, eu vou trocar esse por aquele’, foi uma coisa de louco. O que a gente tem dificuldade é em relação aos produtos, porque quando chega na feira aquele que tem um produto que agrada mais, todo mundo quer.

E aí, como vocês lidam com essa situação?

Ivonete - Aí é uma confusão danada, menina. A gente fica sem saber o que fazer. É um dos nossos desafios, a gente quer ver o que a gente faz, não temos muita experiência com isso. A experiência que a gente tem é a boa vontade e a compreensão de estar rindo a todo instante. A gente achou até engraçado essa correria.

O GEPS atua em outros municípios, além de Vitória da Conquista?

Ivonete - A gente trabalha com 50 municípios. Em alguns casos, a gente tem que andar várias horas a pé porque não tem transporte. É um sacrifício, porque às vezes você tem até o dinheiro e não tem o transporte para você ir até aqueles municípios. É um desafio, mas a gente já está até acostumado a fazer esse trabalho. Às vezes a gente sai de casa na quinta-feira, 4 horas da tarde, só retorna na segunda-feira de madrugada.

Sandra Magalhães, Av. Val Paraíso, 698 Conjunto Palmeira, Fortaleza, CE.

CEP: 60870-440 Fone: 85 3269 3800

Como teve início o clube de trocas no Conjunto Palmeiras?

Sandra - Nós começamos o grupo de trocas em 2000, a partir do seminário, do primeiro encontro da Rede Brasileira, que aconteceu em Mendes. Foi ali que a gente tomou conhecimento desse trabalho das trocas, através da Heloísa Primavera. Então, fizemos uma discussão com o pessoal todo para criar a moeda e criamos o “palmares”. A inspiração veio dos quilombos, que eram lugares onde as pessoas iam para a liberdade. A gente fazia a avaliação de que a moeda era a gente se libertar da prisão da moeda oficial, da escassez das coisas. No princípio, fizemos uma discussão da história da paridade, que a gente achava que não deveria ter paridade com o real, mas vimos que o pessoal tinha muita dificuldade para entender qualquer outro sistema que

fosse para transformar e tudo mais; era complicado fazer as contas. Bom, aí a gente começou com um grupo, mais ou menos de 50 a 60 pessoas.

A feira acontece com que frequência?

Sandra - A feira do Banco Palmas acontece de 15 em 15 dias na frente da Associação e de 15 em 15 dias ela é itinerante. Então ela sempre vai pra um bairro vizinho, se junta com os feirantes de lá. É também um momento de comunicação. A gente tem um palco, tem a bicicleta de som; às vezes a gente consegue carro de som com a CUT, que fica fazendo esse trabalho todo de rodar o bairro, chamar e dizer o que vai ter.

E o que o grupo troca?

Sandra - As pessoas trocavam artesanato,

confeção, comida, tipo bolo, salgadinho, vela colorida, essa coisa assim. Com o passar do tempo, a gente começou a fazer avaliação com eles, ‘o que vocês acharam?’. E era sempre assim, eles não estavam satisfazendo as necessidades deles, porque era muito a história de comida, que eles acabavam levando pra casa coisas que eles queriam, mas não eram bem o que eles precisavam. Aí tinha toda a coisa, que é muito legal, do encontro, de você estar conversando, de você estar fazendo essa coisa toda da relação. Mas eu lembro de um dia que uma senhora chegou pra mim e falou assim: “Tchau, Sandrinha”; aí eu: “Tudo bem? A senhora está triste?” Aí ela falou assim: “É, eu vou saindo com o espírito elevado e a barriga vazia.” Bom, aí, a partir dessa discussão toda a gente começou a pensar de que forma a gente poderia estar ampliando isso. Porque, na verdade, a gente não estava gerando desenvolvimento. A gente vê clubes de trocas que funcionam muito bem, o pessoal com a preocupação mais ecológica, de se encontrar, de trocar saberes, essa coisa toda;

isso é um outro nível. Quando você está no nível da necessidade básica, de ter que gerar renda, essa coisa toda, de sobrevivência, é mais complicado.

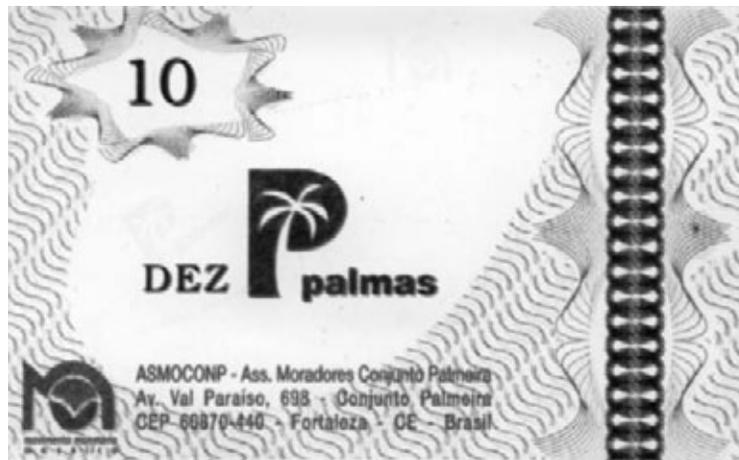
Foi a partir dessa realidade que surgiu a moeda Palmas?

Sandra - Sim, foi aí que a gente começou a trabalhar com o Palmas, essa parceria com a Stroholm e o Instrodi (Instituto Stroholm de Desenvolvimento Integral, Holanda). Na verdade, a gente ampliou o clube de trocas. Ao invés de estar sendo realizado lá na sede da associação, o bairro se transformou num grande clube de trocas, onde os comerciantes aceitavam as moedas, as pessoas podiam ir lá comprar as coisas. Então teve uma mudança de escala, de uma coisa mais fechada para uma coisa mais aberta; com lastro, em reais, com toda relação com os comerciantes e tudo isso. Aí, o que acontece? A gente começa a ver que, como a moeda tem lastro, para você emitir moeda é preciso sempre estar indo buscar dinheiro fora, porque, dadas as condições, a

própria comunidade não consegue gerar o dinheiro necessário que é preciso para poder desenvolver. Um outro salto que a gente deu foi relacionar as moedas com o fundo de crédito. A gente já começou a juntar as pontas; com o lastro a gente emprestava o dinheiro para as pessoas e isso ficou girando na comunidade, porque os comerciantes também aceitavam os palmas. Tinha a história que eu falei anteriormente, que é a escassez de recursos. A gente sempre precisava de projetos de fomento para poder estar fazendo tudo isso.

E de onde veio esse recurso?

Sandra - A gente conseguiu pegar o recurso dos programas de transferência de renda e está utilizando dentro desse circuito de moeda, de crédito, de banco comunitário. Então você tem um fortalecimento do comércio, e tem uma coisa legal que é a conversa que você faz com o comerciante sobre isso. É um processo de convencimento, explicar o que é a proposta, que não é só trocar uma moeda por outra, mas o que você está gerando, você como cidadão



na comunidade. Que o projeto vai beneficiá-lo também. Que, antes, o esgoto passava na frente do comércio dele, que tinha um monte de muriçoca na casa dele e que a Associação fez todo esse trabalho, um trabalho voluntário, transformou aquele ambiente ali e que ele também tem uma responsabilidade com isso. Então, é uma coisa legal. Aí entra a história dos valores, da economia solidária, que você pode estar ampliando por esse canal que, antes, você não tinha acesso. A gente tem

comerciantes, produtores lá no Palmeiras que defendem a moeda muito melhor do que a gente, porque eles estão conscientes desse processo.

Mas, em Fortaleza, existem outros grupos de trocas? A gente só escuta falar no Conjunto Palmeiras. Isso não se irradiou, não houve como contagiar outras comunidades tão pobres, com perfil parecido?

Sandra - Existe uma expectativa muito grande em cima da gente como assessoria. Nós tivemos com o pessoal de Maranguape, na região metropolitana de Fortaleza, e fizemos um processo lá com o pessoal: o clube de trocas foi instituído, criaram uma moeda social e tal. Mas o pessoal não caminhou, eles ficaram um pouco com a expectativa de que a gente do Palmas ia estar fazendo esse processo com eles. Uma questão cruel nessas realidades muito pobres é que as pessoas não têm como produzir para levar pro clube. É uma coisa super legal, mas o que eu faço? Eu faço um bolo, eu faço um salgadinho, eu faço uma

coisa, mas numa perspectiva mais de sustentabilidade, de desenvolvimento, você precisa juntar as pontas, juntar ponta de crédito com ponta de moeda, com ponta de feira, comercialização, tudo isso. Lá em Fortaleza também, em duas outras comunidades, o pessoal chamou a gente e fizemos o mesmo processo. Mas, a gente do Palmas não tem recurso para fazer capacitação, para fazer esse tipo de assessoria, de acompanhamento.

Falta tempo ou estrutura?

Sandra - Se a gente tivesse um projeto que bancasse isso, a gente faria, teria como fazer. A gente não conseguiu recursos para poder fomentar clubes de trocas. Então, o que aconteceu? Todo o trabalho que a gente começou a fazer com os grupos era super voluntário. Para ir lá em Maranguape são 60 quilômetros pra ir e 60 pra voltar. Tudo bem, eu vou por minha conta; eu vou uma vez, vou duas, vou três, mas eu não posso ir mais do que isso porque eu não tenho como bancar isso. Os

outros grupos também, da mesma forma. Eu sei que tem toda a história da necessidade, mas eu acho que tem uma metodologia de pelo menos uns 6 meses, com tempos diferenciados, mas tem que ter um certo acompanhamento pras pessoas realmente se apropriarem. Para entender em toda a lógica. A vida inteira você foi dominado por isso. Então você desconstruir essa história do dinheiro, o que significa aquilo, é uma coisa complicada. Não é só você chegar lá e dizer assim: 'nós vamos criar aqui um papelzinho e agora vocês vão trocar isso por isso', 'ah, que legal, que exótico e tal'. Mas o nosso objetivo não é só esse, a gente acredita que isso é capaz de transformar a realidade que a gente vive.

Além de atuar no Conjunto Palmeiras, em Fortaleza, o Palmas está presente em quais municípios?

Sandra - Nós temos uns 12 ou 13 projetos. A gente está assessorando um processo em Salvador, está criando esse banco em Paracuru, está assessorando um processo de economia solidária e de feiras em Natal, a gente dá



palestras em tudo que é canto. Então, o Palmas hoje é uma contribuição pra discussão e para novas práticas, não para seguir o que a gente faz, mas acho que é uma coisa inspiradora.

Qual a relação das pessoas com o espaço de trocas - de produtos e sentimentos?

Sandra - É muito legal a gente se encontrar, a gente se abraçar, acho que a gente precisa disso. Mas se você está numa realidade que te desafia o tempo inteiro para criar alternativas que as pessoas possam sobreviver, só isso, de

trocar abraço, de trocar essas coisas, não resolve. Acho que o que aquela senhora falou é muito, muito, muito indicativo do que é isso, “eu vou me embora com o espírito elevado e a barriga vazia”, uma perspectiva de que aquilo ali não apontou para uma saída ou para algum tipo de solução de um problema. Ela não tem o que comer.

E qual a importância da comunicação na trajetória do Conjunto Palmeiras?

Sandra - A gente sempre procurou muito falar a língua do povo, para poder ser entendido, enfim. Uma coisa que a gente sempre utilizou muito foi o teatro. O grupo de teatro *Flores do lixo*, foi criado em 94. Fazemos apresentações rápidas nas paradas dos ônibus, às 6 horas da manhã, hora que está todo mundo saindo pra trabalhar. Aí vem a história de bicicleta de som, que a gente também utiliza muito no bairro. E por último a fotonovela. A gente pensava muito que essa história de consumo parecia muito estranha pro pessoal... Então resolvemos criar uma coisa que desse pro cara

ler na bodega, pro cara ler no campo de futebol, dentro do ônibus, que seja uma coisa do dia a dia das pessoas. E que as pessoas se identifiquem. E também que seja um instrumento de formação do novo consumidor. Aí vem o trabalho com as escolas. A fotonovela acompanha um caderno de exercícios e a gente estimula as pessoas a responderem. Nas escolas, principalmente, tem toda uma dinâmica que a gente faz com esses instrumentos dentro da sala de aula. Temos também um vídeo sobre consumo. A linguagem é aquela história assim do soco no olho, você olha e você vê. Se você precisar explicar muito, não comunica. Então a gente sempre investiu muito nisso. Também temos programas, duas vezes por semana, nas duas rádios comunitárias do bairro: a Rádio Santo Dias e a Rádio Muriá.



O PACS é uma organização sem fins lucrativos dedicada ao Desenvolvimento Solidário que trabalha com pesquisa socioeconômica e educação e tem sede no Rio de Janeiro. A proposta do PACS é colocar o trabalho e a criatividade de sua equipe a serviço dos movimentos sociais, das entidades eclesiais, dos governos populares, dos grupos de produção associada (cooperativas, empresas autogestionárias, associações, grupos informais e escola de trabalhadores), das escolas públicas e de outras organizações de desenvolvimento solidário na tentativa de pensar a economia de forma diferente e de dar um outro rumo ao nosso sistema sócio- econômico.

Foi fundado em 1986 como a parte brasileira do PRIES - Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais para o Cone Sul da América Latina -, iniciativa de um grupo de economistas comprometidos com processos de

transformação social, que retornavam do exílio a seus países de origem: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. O objetivo deste grupo era colocar sua experiência profissional e político-social a serviço dos movimentos sociais em seus respectivos países e no Cone Sul. Esta aliança, no entanto, foi dissolvida em 1995, após nove anos de colaboração e produção coletivas.

O PACS produz pesquisas, análises e reflexão crítica, sob a forma de publicações, programas de rádios e políticas alternativas e projetos de desenvolvimentos; assessorias e atividades educativas.



Esta publicação relata práticas inovadoras e transformadoras, a partir da criação de grupos de trocas. É uma obra aberta e coletiva que pode ser lida de forma modular, não consecutiva. É direcionada para diferentes leitores e leitoras que se interessem de algum modo por informações sobre Socioeconomia Solidária, trocas solidárias e moedas sociais.

Este Semeando é especial porque nasce no ano em que os grupos de trocas do Brasil que têm ligação com a Socioeconomia Solidária foram reconhecidos enquanto objeto de políticas públicas ao receberem apoio financeiro da Senaes - Secretaria Nacional de Economia Solidária para a realização do I Encontro Nacional dos Grupos de Trocas do Brasil.

Saiba mais sobre esta série:

Série Semeando Socioeconomia: livretos dedicados às práticas e reflexões sobre o desenvolvimento local, o cooperativismo autogestionário e popular, redes de economia solidária e eixos transversais.

Números anteriores:

- 1 - Construindo a Socioeconomia Solidária do Espaço Local ao Global (bilíngüe)
- 2 - Socioeconomia Solidária: Construindo a Democracia Econômica
- 3 - Histórias de Socioeconomia Solidária
- 4 - Construindo a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária
- 5 - Agenda Libertária (bilíngüe)
- 6 - Desafios ao Desenvolvimento Local: Terra e Habitação
- 7 - Economia Solidária no Fórum Social 2002

